Memória Viva de

01 F000238

Murilo Melo Filho

bloch

FARN

MEMÓRIA VIVA
MURILO MELO FILHO

FARN

MEMÓRIA VIVA

MURILO MELO FILHO

Entrevistadores
CARLOS LYRA E ALVAMAR FURTADO

Co-edição de Bloch Editores S.A.
e Universidade Federal do
Rio Grande do Norte
1989

PB. 24.971
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F000238
10/10/05
BN
929
M486m
1989

FARN

PREFÁCIO

Este é um texto comovente, muito bonito e sincero. Pela importância dos fatos que o autor presenciou e dos quais participou, seu livro de memórias passa a ser obrigatório para ele e para todos nós.

O roteiro desse livro está aqui mesmo. É só desdobrar. Afinal de contas, são poucos os jornalistas brasileiros que podem contar tanta coisa e com tanta dignidade: um começo de vida difícil, a infância em Natal, a vinda para o Rio, a viagem do Ano Santo com D. Helder, D. Távora e D. Avelar, a amizade com Carlos Lacerda, a mudança para Brasília, a ida com Jânio para Cuba, a cobertura das guerras do Vietnã e do Cambodja, os encontros com grandes líderes mundiais, o convívio com Juscelino e com Adolpho Bloch.

Passarei a cobrar-lhe esse livro de memórias. Por enquanto, quero louvá-lo por este depoimento. Ele me emocionou em muitas passagens.

Carlos Heitor Cony

FARN

APRESENTAÇÃO

Murilo Melo Filho nasceu em Natal. É o mais velho de uma irmandade de sete.

Aos 18 anos, foi para o Rio, onde venceu concursos públicos para datilógrafo do IBGE e do Ministério da Marinha, ingressando a seguir no *Correio da Noite,* como repórter de polícia.

Trabalhou sucessivamente na *Tribuna da Imprensa,* com Carlos Lacerda, no *Jornal do Commercio,* com Elmano Cardim, San Thiago Dantas e Assis Chateaubriand e no *Estado de São Paulo,* com Júlio de Mesquita Filho, Rafael Corrêa de Oliveira e Prudente de Moraes Neto. Formou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro e chegou a advogar durante sete anos. Costuma dizer que quem se forma em Direito pode até advogar.

Como repórter *free-lancer,* entrou para a *Manchete,* criando a seção *Posto de Escuta,* que escreveu durante 30 anos. Nessa mesma época, dirigiu e apresentou na TV Rio o programa político *Congresso em Revista,* que ficou no ar ininterruptamente sete anos, de 1955 a 1962, sempre com o mesmo patrocinador.

Viveu em Brasília o atribulado qüinqüênio de 1960 a 1965, que testemunhou em centenas de reportagens. Construiu a sede de Bloch Editores e da *Manchete* na Capital Federal e foi professor de Jornalismo na Universidade de Brasília.

Regressando ao Rio, foi eleito diretor-executivo das Empresas Bloch e reeleito até hoje em sucessivos mandatos pela Assembléia de Acionistas. Tem sob sua responsabilidade a edição política da revista *Manchete* e de mais 18 revistas de circulação nacional, pertencentes ao grupo Bloch. Participa semanalmente de um programa político de debates na Rede *Manchete* de Televisão.

Sempre em missões jornalísticas, acompanhou os ex-Presidentes Juscelino Kubitschek a Portugal; Jânio Quadros a Cuba; João Goulart ao México e ao Chile; Emílio Médici aos Estados Unidos e a Portugal; Ernesto Geisel à França, Inglaterra, Alemanha e Japão; João Figueiredo ao Chile, Paraguai, Argentina e França; e mais recentemente José Sarney a Portugal, aos Estados Unidos e ao Japão.

Foi um dos poucos jornalistas brasileiros a cobrir a guerra do Vietnã em 1967 e o primeiro a estar na guerra do Cambodja em 1973, tendo chegado a Phnom-Penh, via Tóquio. Em audiências e entrevistas, esteve, entre outros, com De Gaulle, Fidel Castro, Kennedy, Frondizi, Eisenhower, Golda Meir, Johnson, Perón, Moshé Dayan, Abba Eban, Salazar, Nixon, Giscard d' Estaing, Reagan, Franco, Allende, Videla e "Che" Guevara.

Esteve, assim, com vários dos grandes líderes que fizeram a História nestas últimas quatro décadas. Foi diversas vezes à Europa, aos Estados Unidos, à Ásia, à América do Sul e à África. Lamenta que apenas a primeira dessas viagens, no Ano Santo de 1950, tenha sido possível fazer de navio.

Conheceu as montanhas geladas de Zermat na Suíça e as planícies imensas da Califórnia nos Estados Unidos; os desertos (americano) de Nevada e (africano) do Saara; os templos sagrados de Angfor e de Kyoto; os lugares exóticos de Bangkok e de Phnom-Penh; as geleiras de Anchorage no Pólo Ártico e as tórridas plantações de cacau na Costa do Marfim; o frio de Leningrado e de Kiev e o calor da Galiléia e do Mar Morto; o misticismo do Vaticano e de Jerusalém; as ruas sujas do Harlem em Nova Iorque e do Cairo no Egito.

Casado, com três filhos, é oficial da reserva do CPOR e tem as Medalhas de Tamandaré, de Santos Dumont e da Ordem do Rio Branco, concedida pelo Itamarati, da Inconfidência Mineira, do Mérito Judiciário, do Mérito Educativo *Alberto Maranhão* e Câmara Cascudo, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Em companhia de Arnaldo Niskier, Raymundo Magalhães Jr. e Joel Silveira, escreveu *Cinco Dias de Junho,* um livro sobre a Guerra dos Seis Dias, de Israel.

Com Adonias Filho, Amando Fontes, Cassiano Ricardo, Gustavo Corção, Hélio Silva, Josué Montello, Octavio de Faria e Rachel de Queiroz, é um dos autores do livro *O Assunto É Padre.*

Sozinho, lançou o seu primeiro livro *O Desafio Brasileiro,* com prefácio do Ministro João Paulo dos Reis Velloso, que vendeu 80 mil exemplares em 16 edições sucessivas, ganhando com ele o prêmio Alfred Jurzykovski, da Academia Brasileira de Letras, como *O Melhor Ensaio do Ano.*

O seu segundo livro *O Milagre Brasileiro,* com prefácio do Ministro Delfim Netto, vendeu 50 mil exemplares, com 10 edições.

FARN

Escreveu em seguida *O Modelo Brasileiro,* com prefácio do Professor e Ministro Mário Henrique Simonsen, que vendeu 15 mil exemplares em 3 edições e lhe granjeou o Prêmio Juca Pato, da Associação Paulista de Escritores.

Estes dois últimos livros permaneceram durante várias semanas como os *best-sellers* nas livrarias do país e foram adotados na cadeira de Estudos de Problemas Brasileiros, de várias universidades, às quais o autor compareceu para debates com estudantes e professores.

Carlos Lyra
(Diretor da TV Universitária)

Programa MEMÓRIA VIVA
Entrevistado: Murilo Melo Filho
Entrevistadores: Carlos Lyra e Alvamar Furtado
Gravado em: 03/02/1989
Exibido em: 28/03/1989 (1ª parte)
04/04/1989 (2ª parte)

FICHA TÉCNICA

Produção e direção-geral ..... Carlos Lyra
Assistente de produção ..... Madalena Soares
Direção de imagens ..... Jácio Fiúza Jr.
VT, áudio e edição ..... Rodivan Barros
Técnica ..... Rovan Barros
Datilografia do texto retirado da gravação ..... Suzana Fernandes
Realização ..... TV Universitária (RN)

CARLOS LYRA — O programa *Memória Viva,* da sua TV Universitária, entrevista, hoje, um norte-rio-grandense que brilhou internacionalmente num campo difícil da atividade humana: o jornalismo. Trabalhando como um verdadeiro sacerdote, ele se orgulha de ter exercido a sua profissão até hoje, com dignidade, correção e entusiasmo. É diretor do Grupo Bloch, que edita a revista *Manchete,* além de várias outras revistas de circulação nacional, e que possui a Rede Manchete de Televisão. Tem vários livros publicados sobre a história política deste país. Vamos conversar com ele, na presença de Alvamar Furtado, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Murilo, conte-nos um pouco do seu começo de vida.
MURILO MELO FILHO — Desejo inicialmente agradecer a honra do convite para participar deste programa, pelo qual já desfilaram os mais eminentes líderes da vida potiguar, e o prazer de estar na sua presença e do Prof. Alvamar Furtado. Devo fazer um parêntese, para dizer que, pela primeira vez, estou na posição de entrevistado, porque, nesses anos todos de trabalho jornalístico, estive sempre no lugar onde vocês estão atualmente, isto é, de entrevistador e não de entrevistado. Estou passando assim de estilingue a vidraça. Mas tentarei ser o mais claro e fazer um esforço para responder do melhor modo possível as suas perguntas.

A sua primeira solicitação, meu caro Carlos Lyra, para que eu conte um pouco o meu começo de vida, faz-me remontar aos quatro anos de idade. Morávamos então na Rua das Virgens, que depois se chamou José Bonifácio e hoje é Câmara Cascudo, ali na Ribeira.

CARLOS LYRA — Quer dizer que você é canguleiro, na definição de Câmara Cascudo.

MURILO MELO FILHO — Sou canguleiro legítimo, porque nasci na Avenida Tavares de Lyra. Meus tios, Joca e Emília, haviam passado num navio em Natal, vindos de Fortaleza, com destino ao Rio, onde iam morar. E deixaram conosco um pequeno macaco, um sagüi. Postado na janela, ele pulava e se exibia muito dentro de uma gaiola. Passei por ele e ofereci-lhe ingenuamente, por entre as grades da gaiola, o dedo maior da mão esquerda, para fazer-lhe um agrado. Ele então carinhosamente deu uma pequena mordida na junta central deste dedo. Não dei maior importância, porque inclusive não sangrou.

No dia seguinte, amanheci com umas manchas roxas em todo o meu corpo. Para encurtar a história: o veneno daquele pequeno animal havia se inoculado perigosamente no meu organismo. Eu estava todo envenenado. Passei 30 dias e 30 noites botando sangue, aqui pelo canto da boca, com uma hemorragia que não parava nunca.

A primeira visão que tive da vida foi precisamente a de uma das muitas reuniões de vizinhos que, de joelhos e com terços na mão, na sala de visitas, rezavam pela minha saúde. Foi aí que Deus se apiedou de mim, então filho único daquele humilde casal. Naquele tempo, ainda não havia antibióticos. Mas apareceu um médico, o Dr. Farkhat, que me aplicou uma injeção e avisou:

"Esta injeção é a derradeira tentativa para deter a hemorragia. Se não surtir efeito, poderemos desistir, de vez."

Que ela surtiu efeito, aqui estou eu, bem vivo, para contar esta história. Isto não impede que eu me considere uma espécie de excedente da vida.

CARLOS LYRA — E como foi a mudança para o Tirol, lá para perto da Igreja de Santa Teresinha?

MURILO MELO FILHO — Bem, antes disto houve a revolução comunista em Natal. O então Governador Rafael Fernandes estava presidindo uma solenidade no Teatro Carlos Gomes. Com os primeiros disparos, dois ajudantes-de-ordens dele, os Tenentes Luís

Júlio e José Bezerra, foram bater na nossa casa, que ficava a 400 metros do teatro. Meu pai os escondeu numa casa desocupada, no mesmo quarteirão. E eu, durante os três dias de domínio comunista na cidade, era o encarregado de levar-lhes a comida, numa marmita.

Como castigo e represália por esse asilo, um vizinho da frente denunciou-nos ao comando da revolução. No dia seguinte, o carro do meu pai, um Ford-28, de bigode, era levado pelos revolucionários e só reapareceria quatro dias depois em Canguaretama, quando a revolução já havia sido sufocada.

Da Ribeira, nós nos mudamos para uma casa muito boa, no farol da Limpa, vizinha da estação-rádio da Condor Lufthansa, de onde meu pai, telegrafista, acompanhava pelo rádio o vôo dos aviões que decolavam de Dakar para Natal. Lá moramos quatro meses maravilhosos. Corríamos por aqueles gramados imensos que circundavam a pequena colina, num descampado deslumbrante. Pescávamos na praia e levávamos uma vida de pequenos príncipes. Meu pai precisava apenas de dar alguns passos para sair de casa e chegar ao local de trabalho.

A família se convenceu, então, da necessidade de ter uma casa própria. Comprou-se um terreno de 12 × 50, ali no Tirol, na Rua Apodi, 558. Naquela época, em 1938, o bairro era um imenso deserto e uma areal sem fim. À direita, ficava a Igreja de Santa Teresinha. E à esquerda o seminário de São Pedro.

CARLOS LYRA — Já havia a casa de Cascudo.

MURILO MELO FILHO — É, mais adiante, no quarteirão da frente. A nossa casa foi construída no peito e na raça, com meu pai, aos sábados, contando o dinheirinho para pagar os operários. Não havia engenheiro nem arquiteto e sim apenas um mestre-de-obras. Lembro-me de quando os operários começaram o desmatamento do terreno, com cobras espirrando para todos os lados. Mas até agora, neste ano de 1989, ela ainda está lá, firme e forte.

ALVAMAR FURTADO — E como era Natal naquela época?

MURILO MELO FILHO — Natal iria transformar-se no Trampolim da Vitória. Estávamos no ano de 1938 e o Brasil se encontrava sob o Estado Novo. Logo em seguida, começaria a Segunda Grande Guerra e nós iríamos participar dela.

Meu pai foi uma espécie de pioneiro em Parnamirim, onde a primeira construção destinou-se à estação-rádio da LATI — Linhas Aéreas Transcontinentais Italianas — para as quais ele trabalhava, acumulando com o emprego de radiotelegrafista da Aeronáutica.E

continuou em Parnamirim, acompanhando pelo rádio os vôos solitários do Brigadeiro Eduardo Gomes, como comandante da Zona Aérea baseada no Recife e como patrulhamento do litoral nordestino durante a guerra. Sua admiração pelo Brigadeiro era tamanha que deu o nome de Eduardo ao seu último filho, nosso irmão mais moço, nascido em 1941.

ALVAMAR FURTADO — Como é que surgiu em você a vocação de jornalista?

MURILO MELO FILHO — Hoje em dia, quando vejo a perplexidade e a indecisão de alguns moços de 20 e até mesmo de alguns homens de 30 anos — sem saberem ao certo o que querem e para onde vão — eu me pergunto a mim mesmo o que se passava na cabeça daquele rapaz de Natal, que, desde menino, já decidiria ser jornalista no Rio de Janeiro.

Em 1940, com 12 anos de idade, ainda de calças curtas, resolvi trabalhar. Eu via as agruras dentro de casa, o dinheiro escasso, as necessidades aumentando, com vários irmãos abaixo de mim, que necessitavam de tudo.

Ofereci-me na redação de *O Diário,* ali na Rua Frei Miguelinho. Quem me atendeu foi Djalma Maranhão. Propus fazer uma coluna de esportes, a ser publicada todas as segundas-feiras. Ficava o domingo inteiro acompanhando pelo rádio os resultados do futebol no país todo e na segunda, bem cedinho, aparecia lá no jornal, levando a resenha. Ganhava, então, o rico salário de 50 mil-réis por mês.

Daquele *O Diário,* fundado por Rui Paiva e que depois se transformou no atual *Diário de Natal,* adquirido pelos *Diários Associados,* transferi-me para *A Ordem,* jornal católico, do Prof. Ulisses de Góis, do Dr. Otto de Brito Guerra e de José Nazareno de Aguiar, todos hoje ainda vivos, graças a Deus.

Depois, prossegui no *A República,* com Luís Maranhão, Valdemar Araújo, Adherbal de França (o Danilo), Rivaldo Pinheiro, Luís da Câmara Cascudo, com sua célebre *Acta Diurna.* Já aí, aos 14 anos, transformara-me num redator de notícias internacionais. Acompanhava todos os noticiários radiofônicos da BBC sobre a guerra. E, num imenso mapa da Rússia, seguia com pontinhos e alfinetes toda a ofensiva alemã no rumo de Stalingrado, de Kiev, de Leningrado e de Moscou. Acompanhei em seguida a reação soviética, dos Generais Zhukov e Timoschenko, traduzida à meia-noite em telegramas que eu datava como tendo chegado de Londres, Nova Iorque, Paris, Moscou e Roma, via Reuters, France Press e

United Press. Várias vezes, na manhã seguinte, ao deparar-me com a primeira página do jornal, eu descobria, estarrecido, que ela havia sido escrita quase inteirinha por mim.

CARLOS LYRA — Como foi a história da sua ida para o Rio de Janeiro?

MURILO MELO FILHO — Bem, já estava consolidada dentro de mim a convicção de que eu tinha de sair de Natal, consciente de que os horizontes da cidade eram, naquela época, pequenos para as minhas aspirações. Natal não tinha, então, nenhum curso superior, fosse de direito, de medicina ou de engenharia. Os jovens natalenses eram obrigados a se deslocar para Maceió, dando apenas uma precária presença nos dias de provas, ou se mudando para Recife e Salvador. Decidi dar o grande salto e ir diretamente para o Rio.

Meu pai, na minha frente, não me estimulava. Mas eu sabia que, para não dar o braço a torcer, ele, às escondidas, no quarto lia e se entusiasmava com as minhas reportagens. Em dezembro de 1945, comuniquei a ele e à minha mãe a decisão de ir para o Rio de Janeiro. Era uma decisão inabalável e irrecorrível. Foi um verdadeiro pânico na família. Lembro-me bem de uma reunião com a presença de muitos amigos, em volta de uma mesa, quando um deles, de dedo em riste, apontava para mim, encolhido num banco, como se fosse um réu e um criminoso:

— Esse menino é um traidor. Quando chega à idade de ajudar nas despesas da casa, deserta.

Tive de redobrar as energias interiores para viajar. Afinal de contas, eu era o filho mais velho e sabia que faria falta. Deixei meu pai e minha mãe prostrados em cima de uma cama, chorando sem parar. Eu também chorei muito. Era um rompimento que sabia talvez para sempre. Não me despedi dos vizinhos, nem dos irmãos: Herilo, Hênio, Elma, Ilma, Ana Emília e Eduardo. Seria doloroso demais para todos.

Lembro-me bem daquele dia, como se fosse hoje: 16 de fevereiro de 1946, sábado de carnaval. O avião era um hidro, da Aero-Geral.

CARLOS LYRA — Um catalina.

MURILO MELO FILHO — Perfeitamente, um catalina. Embarquei nele pela rampa do Náutico, através de um pequeno bote de remo. Carregava uma maleta, com poucas coisas, mas muitas esperanças e sonhos. Levei dois dias de viagem para chegar ao Rio. O avião, que jogava muito, fez uma escala em Salvador, onde dormimos, e de lá decolou para o Rio, pousando na baía de Guanabara,

em frente à estação de hidroaviões da antiga Panair do Brasil, onde hoje está o Clube da Aeronáutica, vizinho ao aeroporto Santos Dumont. (Eu vim, esta semana, aqui a Natal, do Rio, num vôo sem escalas da Varig, em apenas duas horas e meia. É o progresso.)

Quando cheguei ao Rio, não sabia onde ficava a Zona Norte nem a Zona Sul. Era um legítimo nordestino, que chegava lá para enfrentar os perigosos desafios da vida. O moço tímido das peladas nos areais do Tirol via-se de uma hora para outra aterrorizado entre os arranha-céus da cidade grande, tendo diante de si apenas uma opção e uma alternativa: vencer ou vencer.

Fui morar com meus tios Joca e Emília e com os meus primos Edmilson, Maria Yedda e Yonne, em cuja companhia eu iria viver durante os 14 anos seguintes, até me casar.

ALVAMAR FURTADO — Quando você chegou ao Rio, o que é que aconteceu com o jovem jornalista Murilo Melo Filho?

MURILO MELO FILHO — Veja bem, meu caro Alvamar. No Rio, ofereci-me em quase todos os jornais, pedindo aos seus secretários e diretores que me experimentassem, para verem se eu prestava ou não.

CARLOS LYRA — E eles acreditaram em você?

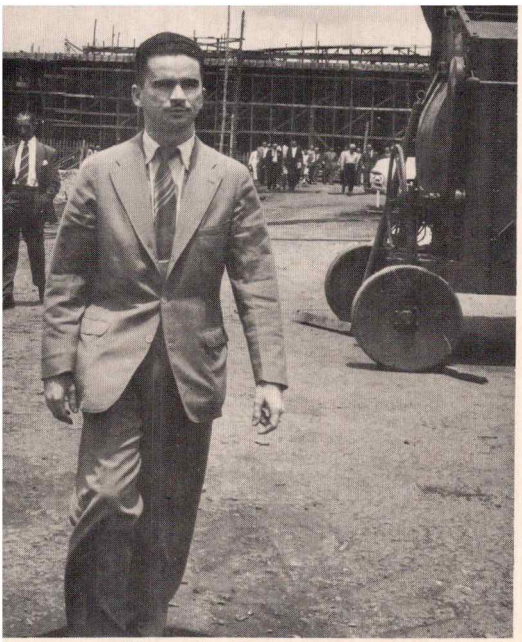
MURILO MELO FILHO — Nem tanto, pelo menos imediatamente. Naquele tempo, o Rio tinha 13 jornais diários: *Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário da Noite, Diário Carioca, Diário Trabalhista, Vanguarda, Correio da Noite, O Radical, A Noite, A Manhã, O Popular, Resistência, Folha Carioca.* O único que me deu uma chance foi o *Correio da Noite.*

CARLOS LYRA — Quem dirigia o *Correio da Noite* era o Abner de Freitas?

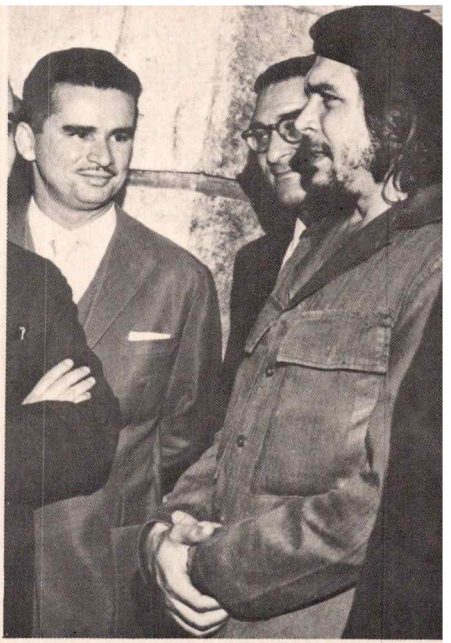
MURILO MELO FILHO — Que coisa curiosa e que bom você conhecer esse homem, que por duas vezes foi importante na minha vida. Vou contar. Comecei no *Correio da Noite* fazendo uma reportagem que hoje não existe mais, chamada reportagem marítima, mas que reunia naquela época cinco ou seis profissionais. Embarcávamos de madrugada, na lancha da Polícia Marítima, e íamos nela até fora da barra para interceptar os transatlânticos que chegavam da Europa e dos Estados Unidos, trazendo passageiros importantes. Subíamos numa escada de corda para entrevistá-los. De volta à redação, escrevia a matéria e somente quando (ou se) ela era publicada, passava no guichê para receber um vale de 50 cruzeiros.



Abril de 1962: com o Presidente John Kennedy,
na Casa Branca, em Washington, Estados Unidos.



Março de 1957: em frente às obras do Ministério da Educação, Brasília.



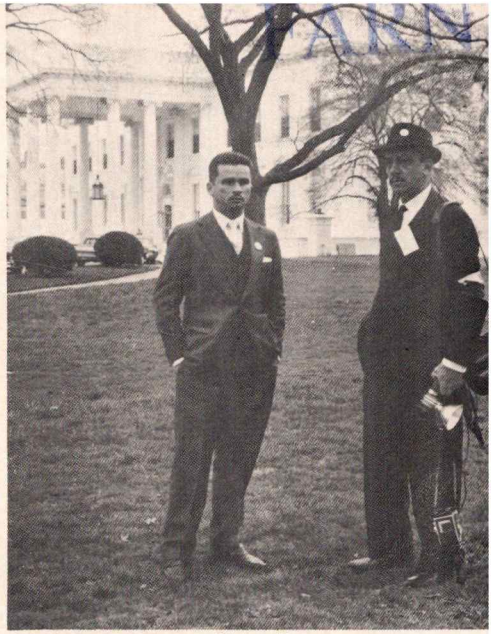
Maio de 1960: com "Che" Guevara, em Havana, Cuba.

Junho de 1962: com Jânio Quadros, que havia renunciado à presidência da República, mas era novamente candidato a governador de São Paulo.

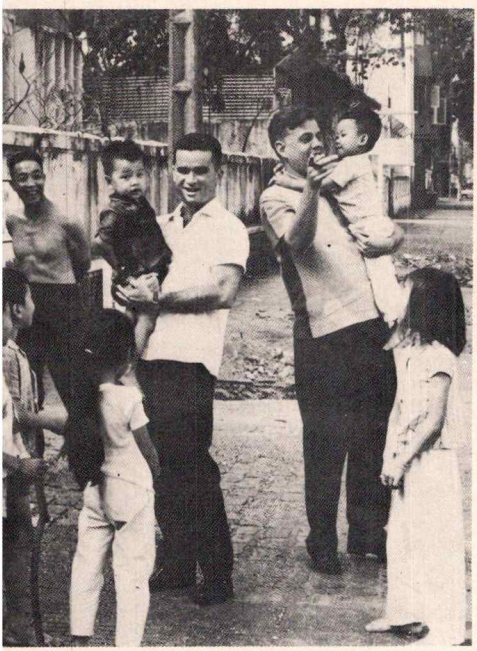




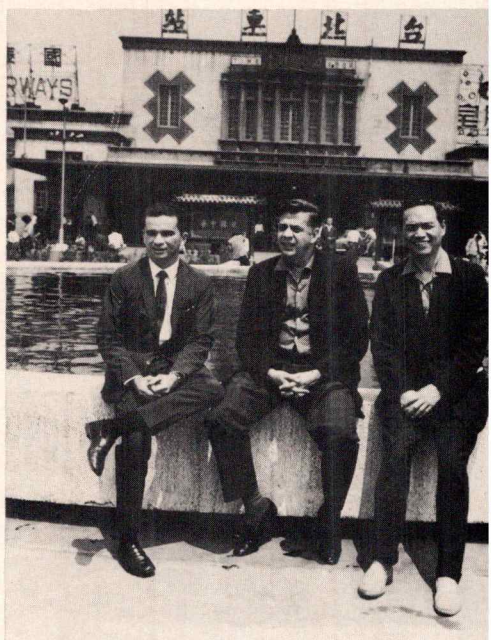
Abril de 1962: com Jango, na Embaixada do Brasil em Washington.



Abril de 1962: com Jáder Neves, na Casa Branca, em Washington, EUA.



Abril de 1966: com crianças sul-vietnamitas em Saigon, Vietnã.



Abril de 1966: com um guia chinês em Taipé, Formosa.



Abril de 1966: junto a uma trincheira sul-vietnamita, em Saigon, Vietnã.



Abril de 1966: com Gervásio Baptista, em Taipé, Formosa.



Junho de 1970: com o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, durante o lançamento do livro *O Desafio Brasileiro*, no Edifício da MANCHETE, Rio.





Abril de 1966: com Gervásio Baptista em Saigon, Vietnã. E em julho de 1969, com Norma e o Ministro Nogueira Batista, em Lisboa, Portugal.



Maio de 1971: *O Desafio Brasileiro*, lançado onze meses antes, já na 14.ª edição. E em junho de 1971, com o Embaixador Sérgio Corrêa da Costa, no lançamento de *O Desafio Brasileiro*, em Londres, Inglaterra.

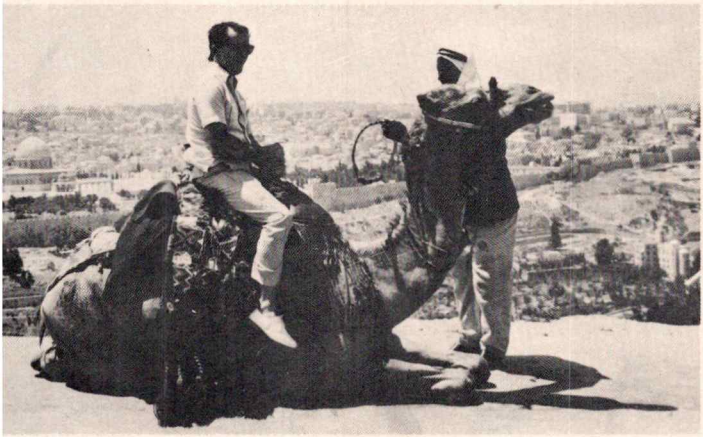




Dezembro de 1971: com o Presidente Richard Nixon, na Casa Branca, em Washington, EUA.



Agosto de 1972: com o Chanceler Abba Eban, em Jerusalém, Israel.



Agosto de 1972: sentado num camelo, na zona árabe, vendo-se ao fundo a cidade de Jerusalém, Israel.



Novembro de 1975: numa segunda visita a Israel, com o Prof. Michael Sella, do Instituto Weizmann de Ciências, de TelAviv.

FARN

Então, em 1949, quando começou a sucessão presidencial do Marechal Dutra, na qual Getúlio Vargas se candidatou, eu não me limitava mais a fazer apenas reportagens marítimas e já incursionava na área política. Todas as manhãs, antes de ir para o Ministério da Marinha, onde trabalhava como datilógrafo, aprovado num concurso puxadíssimo no DASP, deixava pronto na mesa do diretor do jornal, Abner de Freitas, o artigo de fundo. E sabia que o Abner, à tarde, lá no palácio do Arcebispo, D. Jaime Câmara, se vangloriava:

— O senhor leu o artigo de fundo? Está muito bem-feito.

Às cinco horas da tarde, eu saía do Ministério da Marinha e ia para um escritório de advocacia, onde trabalhava de graça para aprender. Às oito horas da noite, corria para a faculdade de direito, até meia-noite. Geralmente, não conseguia assistir à última aula, porque dormia de sono e de cansaço sobre as carteiras. E aos domingos, que tinha para descansar, eu ia de madrugada para o CPOR, fazer aquelas penosas marchas de 50 e 70km.

Foi uma fase duríssima na minha vida: as noites sem fim nas redações dos jornais, a média com pão e manteiga, o dinheiro para a passagem do bonde.

Ainda recentemente, reuni um grupo de alunos para contar esse começo. Lá para as tantas, um deles se levantou e disse: "Então quer dizer que, para chegar onde o senhor chegou, nós vamos ter de passar por tudo isto? Nós desistimos." E eu, que pensava estar estimulando, cuidei de calar a boca (RISOS).

CARLOS LYRA — Mas valeu a pena todo esse esforço.

MURILO MELO FILHO — É claro que valeu. Os espinhos da juventude, como as flores de Malherbe, desabrocham agora na maturidade, quando já começamos a dar um balanço sobre o passado e vemos, felizes, que de nada temos para nos arrepender: nem do casamento que celebrei há mais de 30 anos com a mesma mulher, Norma, companheira admirável até hoje; nem dos três filhos — Nélson, Fátima e Sérgio — que juntos tivemos; nem da religião católica que abracei e que ainda agora professo com muito orgulho; muito menos do jornalismo, a profissão que escolhi.

Afinal de contas, o jornalismo me deu acesso a reis, rainhas, príncipes, ditadores, chefes de estado, presidentes da República, homens todo-poderosos, com os quais me entrevistei pessoalmente, ao longo destes 40 anos de trabalho jornalístico.

O amor ao jornal ofereceu-me tudo isto a que, a rigor, pelas minhas origens modestas, eu não teria direito na vida. Ele não me fez um homem rico, mas me proporcionou uma estabilidade financeira bastante para dar à minha família uma vida decente, com um mínimo de conforto e de bem-estar.

Por todas estas razões, nunca fui outra coisa na vida senão jornalista, tentando devolver à minha profissão, em dedicação e trabalho, tudo quanto até hoje tenho recebido dela, que considero uma profissão maravilhosa e fascinante, quando exercida com sacrifício, desprendimento, esforço e honestidade.

CARLOS LYRA — Deve haver na imprensa brasileira um folclore muito vasto, de casos pitorèscos e engraçados. Você sabe de algum?

MURILO MELO FILHO — O *Jornal do Commercio*, que se edita no Rio de Janeiro e que é um monumento da nossa imprensa, publicou certo dia a seguinte manchete: "O Imperador Pedro II passeou ontem na Quinta da Boa Vista com apoio em duas *maletas*", em vez de duas *muletas*, evidentemente. Retificou no dia seguinte: "O Imperador Pedro II passeou na Quinta da Boa Vista com apoio em duas *mulatas*." Foi o caso típico da emenda pior do que o soneto. Se fosse ao menos com Pedro I, ainda vá lá, mas logo com Pedro II, aquele modelo de virtudes...

CARLOS LYRA — E qual foi a influência do Abner de Freitas na sua carreira profissional?

MURILO MELO FILHO — Como já disse anteriormente, em duas oportunidades, ele foi correto comigo. A primeira foi nesse ano de 1950, quando o *Correio da Noite* recebeu o convite e teve o direito de mandar um repórter acompanhando uma peregrinação do Ano Santo. Era uma passagem de graça e havia muitos candidatos, inclusive e sobretudo os da curriola do Abner, que, no entanto, decidiu:

"Quem vai é o Murilo, um rapazinho que está aí na reportagem marítima."

Ele certamente quis ser grato àquelas colaborações espontâneas dos artigos de fundo.

E assim, pela primeira vez, fui à Europa. Depois dela, já fiz mais de 30 viagens à Europa, 27 aos Estados Unidos, três à Ásia, quatro à América do Sul e duas à África. Mas sempre de avião. Aquela foi a única viagem que fiz de navio, um cargueiro grego, de nome *Jenny*, que a rigor poderia transportar 60 passageiros, mas levou

600. Sem conforto, com cabines para dez pessoas, que se amontoavam umas sobre as outras, seguimos para Nápoles e daí para Roma.

ALVAMAR FURTADO — O *Bateau Mouche* já era coisa antiga.

MURILO MELO FILHO — Já era mesmo. Viajei com pouco dinheiro. Aproveitava as viagens noturnas de trem para não pagar as diárias de hotel. Mandei várias reportagens para o *Correio da Noite,* durante os quatro meses em que permaneci na Europa. Dom Avelar Brandão, Dom José Tavora e Dom Hélder Câmara foram alguns dos companheiros dessa aventura marítima.

Certa manhã, já de volta ao Rio, estava na redação quando bateu o telefone:

— Murilo, aqui é o Carlos.

— Oi, vagagundo, trouxe aquelas fotos de mulheres nuas que você me pediu, de Paris.

Eu pensava que era um colega meu, da praia de Copacabana. Mas aí a outra pessoa disse:

— Não, Murilo, quem está falando aqui é o Carlos Lacerda. (RISOS). Eu vou lançar um jornal — a *Tribuna da Imprensa* —, li suas reportagens da Europa, gostei muito e queria que você viesse trabalhar comigo.

Eu ponderei:

— Gostaria muito e teria grande honra em aceitar o seu convite, mas acontece que o *Correio da Noite* me deu agora o presente desta viagem à Europa, e, por uma questão de gratidão, não posso abandoná-lo.

Carlos insistiu:

— Eu também não tenho pressa de uma resposta sua. O jornal só irá para as bancas dentro de três meses. Posso esperar até lá.

Eu ganhava 1.200 cruzeiros por mês no *Correio da Noite* e o Carlos Lacerda me oferecia 2.500; isto é, mais do dobro. Nada falei no *Correio da Noite* sobre o convite, que poderia significar uma chantagem ou uma pressão por aumento de salário.

Três meses depois, ele voltou a me telefonar:

— Olha, Murilo, vou botar o jornal na rua e não posso mais esperar por você. Ou vem ou não vem, porque, se você não vier, terei de convidar um outro.

Eu então, no dia seguinte, esperei o Abner de Freitas chegar ao meio-dia, tomei-me de coragem e expliquei-lhe o problema. Ele aí se revoltou:

— Esse Carlos Lacerda é um filho da mãe. Não gosto dele. Já me tirou daqui o Amaral Neto e agora quer tirar você também, porque sabe que eu preciso de vocês dois.

Aí parou um instante, olhou para mim e disse:

— Mas, Murilo, eu não tenho o direito de lhe prejudicar. Você é jovem e entusiasmado. Está no começo da carreira. Este jornal aqui não tem futuro. O Cardeal vai vendê-lo. De modo que, se você não está querendo aceitar o convite da *Tribuna* por um motivo de gratidão conosco, fique desde logo liberado de qualquer compromisso. Vá para a *Tribuna,* que é uma coisa nova, e lá você poderá realizar-se e atingir seus objetivos na vida.

Pela segunda vez, o Abner de Freitas foi legal comigo. Eu então agradeci muito a correção dele e fui trabalhar na *Tribuna.*

E foi assim que eu me uni a Carlos Lacerda, iniciando, em 1952, um convívio diário que se prolongaria até 1959. Nunca vi uma pessoa tão extremada e tão apaixonada na vida. Tudo nele era grande: as qualidades e os defeitos.

Participei intensamente da vida da *Tribuna da Imprensa*, na atribulada década de 1950: as campanhas contra o lenocínio no Mangue, contra o Prefeito Mendes de Moraes, contra Getúlio Vargas.

CARLOS LYRA — A briga com o Samuel Wainer.

MURILO MELO FILHO — A briga com a *Última Hora.*

Solteiro, idealista, com o entusiasmo próprio da juventude, passava semanas inteiras na redação, sem sequer ir em casa, dormindo em cima das mesas forradas com jornais. Sob a liderança de Carlos Lacerda, reuniu-se ali o que, com minha exceção (é evidente), havia de melhor no jornalismo brasileiro da época: Carlos Castello Branco, Villas-Boas Corrêa, Hermano Alves, Ledo Ivo, Odylo Costa, filho, Newton Carlos, Nertan Macedo, Zuenir Ventura, Stefan Baciu, Araújo Neto, Carlos Lemos, Cláudio Lacerda, Amaral Neto, Carlos Leonam, Macedo Miranda, Luís Garcia, Luís Lobo. A *Tribuna da Imprensa* foi uma grande escola para todos nós. E Carlos Lacerda foi um excelente professor. Ele reunia periodicamente a redação, criticava as notícias e reportagens, fazia sugestões sobre *leads,* títulos, textos e fotos.

Aquele foi também um período muito interessante da política brasileira. Estávamos no dia 11 de agosto de 1954. Seis dias antes, o Carlos fora vítima de um atentado na porta de sua casa, à Rua Tonelero, com a morte do Major Rubem Vaz. Havia sérias descon-

fianças de que a guarda pessoal do Presidente Getúlio Vargas estava envolvida no atentado. A Aeronáutica instaurara um inquérito policial-militar. E o cerco se fechava em torno do Palácio do Catete.

Naquela manhã, às 11 horas, Carlos Lacerda me ligou. Ele sabia das minhas ligações com Café Filho, meu conterrâneo e amigo, desde os tempos em que ele era deputado federal. Disse-me que precisava falar com ele. Respondi-lhe:

"Há vários meses que não falo com Café, sobretudo depois que ele se elegeu vice-presidente. Mas não me nego a procurá-lo.

Saí da *Tribuna* e fui direto ao gabinete de Café, no último andar do Ministério do Trabalho.

ALVAMAR FURTADO — Ele dava audiências lá.

MURILO MELHO FILHO — Cheguei lá e quem me atendeu foi Ozéas Martins, um jornalista que chefiava o seu gabinete. Estavam na ante-sala os Senadores Dinarte Mariz e Dix-Huit Rosado. Assim que Ozéas me anunciou, Café mandou-me entrar. Certamente, já pressentia a importância do assunto. Comuniquei-lhe:

— Presidente, vim aqui numa missão do Carlos Lacerda, que precisa muito falar com o senhor.

— Mas, Murilo, eu estou evitando encontros que pareçam uma conspiração contra o Dr. Getúlio, pois sou muito fiel a ele.

— Então, presidente, eu volto e dou esta resposta ao Carlos.

— Não, espere um pouco. Com o Carlos eu me encontro.

Pensativo, olhando para o alto, acrescentou:

— Só existe um problema: o local. Não pode ser nem no meu apartamento, nem no do Carlos, pois chamaria muito atenção e curiosidade.

Fitando-me dentro dos olhos, Café parecia sugerir que a conversa se realizasse no meu apartamento. Acontecia que eu morava com meus tios. Ele próprio encontrou a solução:

"Está aqui no Rio o nosso conterrâneo Olavo Galvão, diretor do Banco do Nordeste. O apartamento dele é o 1.510, no Hotel Serrador. Estarei lá à 1 hora da tarde e de lá mesmo irei a pé presidir a sessão no Senado, que fica bem em frente. Só tenho uma exigência a fazer: que esse encontro nunca seja divulgado. Nem agora nem no futuro."

Olhei o relógio: já era meio-dia. Saí dali correndo para o quartel da Rua Frei Caneca, onde Carlos estava fazendo o reconhecimento da guarda pessoal do Palácio do Catete, que acabara de desfilar diante dele.

Quando lá cheguei, Carlos ia saindo do quartel, num Chevrolet preto, com dois coronéis da FAB, armados de metralhadoras. Eu estava no meu Opel Olympia, para o qual eles três se transferiram. Carlos foi direto ao assunto:

— Então, Murilo. o *General* se encontra comigo?

— Sim, à 1 hora, no Hotel Serrador.

— Mas eu estou com uma fome lascada. Vamos lá em casa comer alguma coisa.

Ao chegarmos em Copacabana, havia muita gente no apartamento do Carlos. O Raul Brunini, da Rádio Globo, queria gravar uma entrevista. Só sei que já era 1 e meia da tarde e o Carlos ainda estava na Rua Tonelero. Liguei para o Hotel Serrador. Atendeu-me o Olavo:

— Como é, Murilo, o meu homem já está aqui. E o seu?

Contei-lhe o atraso, dizendo que já estávamos de saída. Estacionei bem defronte do Hotel Serrador, fui multado por um guarda de trânsito. Carlos entrou no saguão do Hotel, apoiado no meu ombro e pulando numa perna só, porque a outra estava engessada. Pedi ao cabineiro que tocasse no 5º, 8º e 10º andares, antes de chegar ao 15º. Era uma tentativa de despistamento.

Quando a porta do apartamento 1.510 se abriu, vi lá no fundo Café sentado numa cadeira, sem paletó, mas com suspensórios pretos.

Conversaram durante mais de uma hora. Os dois coronéis da FAB estavam curiosos e aflitos para saber quem era o *General*. Lá pelas tantas, chegou no andar o Francisco Serrador, dono do hotel:

— Estou com vários repórteres e fotógrafos lá embaixo. O que devo fazer?

Só então aí vi que fora debalde a nossa tentativa de despistamento. Virei-me para o Chico Serrador e lhe disse:

— O senhor, que é um grande lacerdista, deve despistá-los de qualquer maneira. Esse encontro não pode ser fotografado nem noticiado.

Quando saiu do apartamento, numa cadeira de rodas, Carlos Lacerda estava visivelmente eufórico e fez para mim, com o polegar da mão direita, o sinal típico de que estava tudo OK.

ALVAMAR FURTADO — Já havia um ar de conspiração.

MURILO MELO FILHO — Já, muito intenso. Naquele exato momento, Café entrara na conspiração e concordara em assumir a presidência da República, caso conseguíssemos derrubar o Ge-

túlio. Ele então foi para o Senado e fez aquele discurso propondo a renúncia dupla, dele e de Vargas. Era a execução do esquema estratégico para a deposição de Vargas e para a posse do vice.

Café já estava na presidência e Carlos já lhe fazia oposição, quando, certa tarde, abri a *Tribuna da Imprensa* e qual não foi a minha surpresa quando vi um extenso artigo, sob o título "Um homem de suspensórios pretos", no qual Carlos reconstituía todo o diálogo e o encontro com Café. Deixava de ser cumprido o compromisso de nada ser divulgado sobre o assunto.

CARLOS LYRA — O que aconteceu com vocês naquele 24 de agosto?

MURILO MELO FILHO — Até as 8 horas da manhã daquele dia do suicídio, a 24 de agosto de 1954, nós da *Tribuna da Imprensa* éramos os grandes vitoriosos. Afinal de contas, tínhamos iniciado a luta contra o presidente e o havíamos deposto. A partir das 4 horas da madrugada, começaram a chegar à redação da *Tribuna* caixas de vinho e de cerveja para comemorarmos a derrubada. Mas às 8 horas da manhã, com aquele tiro no peito, já éramos os grandes derrotados. As mesmas pessoas que, no dia cinco 5 de agosto, estavam na rua queimando as caminhonetes da *Última Hora*, eram as mesmas pessoas que tentavam queimar as viaturas da *Tribuna*, vinte dias depois.

De um momento para o outro, começaram a chegar notícias de que grupos de pessoas estavam afluindo no rumo da *Tribuna* para invadi-la. Carlos esteve na redação por volta das 9 horas e, iludido sobre a possibilidade de o jornal ainda poder circular naquele dia, sentou-se à máquina e escreveu um texto infeliz: "Getúlio foi um homem que não soube viver nem soube morrer." Depois, foi para o Galeão, na companhia de oficiais da Aeronáutica.

Havíamos escalado quatro redatores para tomarem conta do jornal naquele dia: Hilcar Leite, Walter Cunto, Amaral Neto e eu. Cheguei à sacada da *Tribuna* no 2º andar e olhei para o início da Rua do Lavradio. Correu-me um frio pela espinha. Se ainda não tivera medo na vida, naquele momento o senti por inteiro: uma massa ululante, cantando o Hino Nacional e desfraldando faixas e bandeiras, deslocava-se em direção a nós.

Enquanto isso, eu tentava desesperadamente um contato com o Coronel Siseno Sarmento, meu amigo pessoal, que assumira o comando da guarnição do Rio, então engolfado em tumultos, de-

predações e incêndios provocados pelo povo em desespero com o suicídio e a carta-testamento, trombeteada nas rádios.

Pedi ao coronel que mandasse um choque de soldados do Exército para nos proteger. Carlos, lá do Galeão, pelo telefone, apelava para que abandonássemos o jornal, porque para ele o importante era salvar as nossa vidas.

Tínhamos, como vizinha, na Rua do Lavradio, uma Associação de Policiais. Havia um pátio interno, no prédio da *Tribuna*, com um busto de Rui Barbosa. De uma janela do edifício ao lado, o Delegado Deraldo Padilha pulou para o pátio e nos intimou:

— Os manifestantes estão exigindo que vocês coloquem uma bandeira a meio pau, em homenagem ao Presidente Vargas. Se fizerem isso, eu dissolvo a multidão.

Colocamos a idéia em votação. Eu fui voto vencido, contra o hasteamento da bandeira. Ainda tentei fazer uma gracinha, no meio daquela agonia toda:

— O que eles estão querendo, Dr. Padilha, é a bandeira do Flamengo. O senhor não vai dissolver coisa alguma.

Dito e feito. Colocada a bandeira nacional, a multidão não se dispersou. Pelo contrário, começou a atirar pedras, uma das quais estilhaçou os vidros de uma janela e feriu o Cunto no rosto.

Só às 2 horas da tarde, com a chegada de um grupo de soldados da Cavalaria do Exército, que fizeram um cordão de isolamento na frente do jornal, é que os manifestantes começaram a dispersar-se e nós pudemos sair pelos fundos, através de uma escada com acesso ao *Correio da Manhã*, na Avenida Gomes Freire.

CARLOS LYRA — E como foi o seu começo na *Manchete*?

MURILO MELO FILHO — Convivi com Carlos Lacerda intensamente, entre 1952 e 1960, durante oito anos. Mas, como aconteceu com todo mundo, terminei brigando com ele. É que um belo dia comecei a trabalhar na *Manchete*, publicando uma seção, *Posto de Escuta*, que escrevi semanalmente, sem interrupções, até há poucos meses. Eram notas pequenas, de interesse humano, com nome de pessoas em negrito, para chamar a atenção. A *Manchete* me pagava *pro-labore*, como *free-lancer* e foi assim que eu comecei a colaborar com ela. E, quase na mesma semana, iniciei na TV Rio um programa político, *Congresso em Revista*, que foi para o ar durante sete anos ininterruptamente com o mesmo patrocínio da *Zenith, Rádio e Televisão.*

FARN

CARLOS LYRA — Conte-nos agora alguma coisa curiosa que tenha acontecido na vida do Carlos Lacerda.

MURILO MELO FILHO — Coisas curiosas aconteceram muitas. Você pode imaginar que, na vida de um homem agitado e inteligente como o Carlos Lacerda, a curiosidade e o pitoresco tenham sido a marca predominante. Mas vou contar um episódio singular.

Certa vez, o Carlos estava no auge de uma campanha contra a exploração do lenocínio no Mangue. Diariamente, através da Rádio Mayrink Veiga, ele fazia tremendos ataques à polícia, acusada de conivência no tráfico de mulheres.

Uma noite, quando saía da emissora, foi brutalmente espancado por seis homens, que fugiram sem serem identificados. Com o rosto todo amarrotado por tantas pancadas recebidas, ele descansava no sofá da sala de seu apartamento na Rua Tonelero, em companhia de Adauto Lúcio Cardoso, Aliomar Baleeiro, Milton Campos, e eu entre outros. Estávamos em plena campanha presidencial de 1950, quando o Brigadeiro Eduardo Gomes se anuncia na porta.

Era uma visita de solidariedade do candidato ao jornalista que tanto lutava por ele.

O Brigadeiro chegou, sentou-se numa cadeira e ficou imóvel e mudo durante vinte minutos, ao fim dos quais bateu com as mãos nos joelhos e disse:

— Dr. Carlos, devo agora retirar-me.

O suspense tomou conta da sala.

— Mas, antes de fazê-lo, Dr. Carlos, devo dar-lhe um conselho.

O suspense atingiu o auge.

— Dr. Carlos, o conselho é o seguinte. Para esses casos de rosto inchado, é muito bom passar um bife cru.

A sensação de frustrado alívio foi cortada por um agradecimento do Carlos, muito sem jeito:

— Obrigado, Brigadeiro, pelo seu conselho.

E assim que o Brigadeiro saiu na porta, acrescentou:

— Acabei de receber um conselho sangrento e carnívoro. (RISOS DEMORADOS).

ALVAMAR FURTADO — Você disse que brigou com Lacerda. Como foi essa briga?

MURILO MELO FILHO — A briga começou quando o Carlos percebeu que eu estava começando a me libertar dele, porque já trabalhava também numa revista e numa televisão. Ele era um homem muito ciumento em suas amizades. Ainda disse:

— Mas, Carlos, o que é que você tem a ver com o que faço fora daqui do jornal? Uns vão para boates, outros para farras. Eu vou para uma revista, escrever uma coluna semanal, e para uma estação de televisão, produzir um programa por semana, que nem sequer competem com o seu jornal.

Armei um esquema para resistir ao Carlos. Porém, mais cedo do que imaginava, desisti dele. É que o Carlos chegava às sete horas da manhã e ia logo me perguntando:

— Você já ligou para o Benedito Valadares?

— Não, está cedo ainda.

— E para o Gustavo Capanema?

— Deve estar dormindo.

— Você não nega que é um incompetente.

Ele me insultava na frente de toda a redação e me humilhava bastante. Ainda fiz uma última tentativa, ponderando com ele:

— Não faço questão sequer que você considere as dedicações, as renúncias, as noites sem dormir, os riscos que corremos, a minha lealdade. Se você quer me mandar embora, você manda, porque afinal de contas é o diretor-presidente da *Tribuna da Imprensa*; apenas terá de pagar-me uma indenização.

Ele então reagiu:

— Você é um mercenário, que quer tirar 70 contos da boca dos meus filhos.

— Mas, Carlos, o que é que tem a ver a boca dos seus filhos com a Sociedade Anônima Tribuna da Imprensa? Não tem nada que ver uma coisa com outra.

No dia seguinte, escrevi um bilhetinho, que depois foi afixado pelos colegas na redação do jornal:

— Carlos, aí ficam esses 70 contos, que, aliás, não são 70, mas 700, e, se fossem 7 mil, eu deixaria do mesmo jeito, porque quero ter paz de espírito e de consciência para trabalhar noutro lugar e me realizar profissionalmente. Fique aí com esse dinheiro, porque ele pode ajudar a melhorar o seu jornal.

Todos os colegas condenaram essa minha atitude, porque acharam que o Carlos se havia voltado contra mim exatamente para atingir aquele objetivo: fazer com que eu me demitisse sem ter direito a qualquer indenização.

Essa suposição era procedente em parte, porque ao receber o meu bilhete, ele comentou com a sua secretária:

— Esta semana, fizemos uma grande economia. Já se foram o Aluízio Alves, o João Duarte, filho, e o Murilo Melo Filho.

Quer dizer, nós estávamos saindo do jornal, o jornal se afundava e ele estava feliz porque economizava.

Aí ele foi para os Estados Unidos, líder da UDN, todopoderoso, muito forte e ficou lá dois meses. Um belo dia, voltou ao Palácio Tiradentes, onde funcionava no Rio a Câmara dos Deputados. Havia ali uma espécie de terra-de-ninguém, entre a bancada de imprensa e as bancadas dos deputados. Ele foi me vendo e estirando a mão, inconscientemente:

— Olá, Murilo, como vai você?

Deixei a mão dele no ar e dei-lhe as costas. Queria mostrar-lhe que estava magoado e ofendido com ele. O Deputado Flores da Cunha, que se sentava na primeira fila das bancadas, olhou-me com os olhos bem arregalados e disse:

— Jovem, estou aqui na Câmara há 50 anos e nunca vi gesto igual.

Apesar de tudo isto, sempre reconheci no Carlos as qualidades de um verdadeiro gênio, em matéria de inteligência e de talento. Como parlamentar, foi simplesmente insuperável. Certa vez, a Deputada Ivete Vargas o aparteou:

— V. Ex.ª está fazendo um discurso que é um verdadeiro purgante.

Lacerda, apanhado de surpresa, revidou com uma digestão:

— E V. Ex.ª é o efeito.

Noutra ocasião, o Deputado Danton Coelho, que era seu adversário, lhe pediu um aparte:

— V. Ex.ª não nega que é um ladrão da honra alheia.

— Em matéria de honra, V. Ex.ª não precisa preocupar-se, porque nada tem a perder.

CARLOS LYRA — Foi aí que você se mudou para Brasília?

MURILO MELO FILHO — Não ainda. Apesar de trabalhar na *Tribuna da Imprensa,* jornal que lhe movia tenaz oposição, eu sempre fora distinguido pelo Presidente Juscelino Kubitschek, a ponto de convidar-me para acompanhá-lo na terceira viagem que fez a Brasília, ainda em 1957. Fomos num Douglas DC-3, pousamos em Belo Horizonte e depois aterrissamos numa pequena pista improvisada perto do Catetinho.

Lembro-me de que, naquela noite, extenuados e exaustos após um intenso dia de trabalho, engenheiros e amigos de JK

estavam sentados na varanda, com uma dose de uísque quente na mão. Recordo-me de alguns deles: Juca Chaves, Camilinho, Oscar Niemeyer, Dilermando Reis, Milton e Cesar Prates. JK então lamentou:

— Eu não bebo. Mas que seria bom um gelinho aí nesse uísque, aí seria.

Nem bem ele acabou de pronunciar aquelas palavras, o céu do Planalto se enfaruscou e em poucos minutos desabou ali uma forte chuva de granizo. Os pedaços de gelo eram avidamente apanhados por todos, diretamente nos copos.

Juscelino levou-me a percorrer aquele descampado todo:

— Aqui vai ser o Palácio da Alvorada. Aqui será construído o edifício do Congresso. Aqui se levantarão os ministérios.

CARLOS LYRA — E era só chão...

MURILO MELO FILHO — Chão, mato e poeira. Vendo aquela gente disposta e decidida a construir uma cidade, convenci-me de que ela era irreversível. Quando voltei ao Rio, disse para o Adolpho Bloch:

— Vi o entusiasmo do Juscelino. Ele está determinado a construir Brasília e vai construí-la.

Semanalmente, eu ia para Brasília, com o fotógrafo Jáder Neves, que está aí vivo para confirmar isto e nós trazíamos textos e fotos para publicarmos na *Manchete.* Porque, à medida que as obras avançavam, nós raciocinávamos do seguinte modo:

— Somos hoje 80 milhões de brasileiros. Quantos têm chance de ir a Brasília? Mil, dois mil, talvez. Era difícil viajar até lá e mais difícil ainda lá permanecer. Os aviões eram lentos e as habitações raras e precárias. Então resolvemos mostrar o andamento das obras de Brasília.

CARLOS LYRA — Parece-me que, coincidentemente, o crescimento da *Manchete* se deu com o crescimento de Brasília?

MURILO MELO FILHO — Foi aí que *Manchete* cresceu na onda de Brasília. Os leitores queriam saber se a Nova Capital era uma obra realmente para valer ou não. A tiragem da revista ia num crescendo permanente, enquanto sua oficina se reequipava e se modernizava.

No dia 21 de abril de 1960, data da inauguração, publicamos uma edição extra e especial sobre Brasília, com um milhão de exemplares, a um preço quatro vezes superior ao preço da edição normal e que se esgotaram em 48 horas. Havia leitores que compravam quatro a cinco exemplares para guardar como lembrança ou para mandar a parentes no exterior.

Enquanto revistas do mundo inteiro publicavam páginas e mais páginas sobre a inauguração da Nova Capital brasileira, o nosso concorrente, *O Cruzeiro*, recusava-se a divulgar uma só linha sobre o assunto, argumentando que só o faria como matéria paga.

Já aí havia sido tomada a decisão de abrir uma sucursal da *Manchete* em Brasília. Eu era o candidato natural para dirigi-la, inclusive porque já estava indo até lá todas as semanas.

Respondendo mais diretamente à sua pergunta, meu caro Carlos, foi então que me mudei para Brasília, com minha mulher, Norma, natalense e com um filho, Nelson, de três meses. Lá comemos o pão que o diabo amassou. Não havia uma só loja no Plano Piloto. Um simples alfinete só podia ser comprado na Cidade-Livre, também chamada de Núcleo Bandeirante. Brasília hoje é uma cidade completa e acabada. Mas naquela época era um sufoco, só tinha lama e poeira.

CARLOS LYRA — Quando estive em Brasília pela primeira vez, em 1962, ainda se vendiam uns frasquinhos pequenos com poeira da cidade.

ALVAMAR FURTADO — Você foi contemporâneo de Sylvio Pedroza, nos primeiros tempos.

MURILO MELO FILHO — O Sylvio fora muito importante no grupo especial de mudança para Brasília, era comodoro e fundador do Iate Clube, subchefe da Casa Civil e seria depois diretor da Caixa Econômica. Enfim, uma figura maravilhosa.

Em Brasília, nasceram mais dois filhos, Fátima e Sérgio, em condições médicas precaríssimas. Quase morrem, juntamente com a mãe.

Mas, apesar de todos esses tropeços e dificuldades, Brasília, do ponto de vista profissional, foi para mim extremamente importante. Coincidiu que peguei ali a sua inauguração e o fim do governo JK; a posse de Jânio e os seus sete agitados meses de mandato, além da sua renúncia; a posse e o governo de Jango Goulart; a instalação do parlamentarismo e os seus três gabinetes, chefiados pelos Primeiros-Ministros Tancredo Neves, Hermes Lima e Brochado da Rocha; uma revolta de sargentes da FAB e da Marinha; a revolução de 31 de março de 1964 e o governo do Marechal Castelo Branco.

CARLOS LYRA — Conte-nos agora a história da sua escolha para diretor das Empresas Bloch.

MURILO MELO FILHO — A história é a seguinte. Certa tarde, em 1965, Adolpho ligou o telefone para Brasília e chamou-me:

— Brasília vai esvaziar e eu preciso de você aqui no Rio.

Realmente, com a entrada do Congresso em recesso, Brasília esvaziou-se muito e voltei para o Rio. Consegui um apartamento emprestado na Lagoa Rodrigo de Freitas. Quatro meses depois, o Adolpho reuniu os sobrinhos e comunicou-lhes:

— A partir de hoje, o Murilo não é mais nosso empregado. A partir de hoje, ele será nosso diretor.

Essa decisão causou um impacto muito grande na área jornalística e na própria família Bloch. Desde então, eu me esforço ao máximo, menos por mim do que para provar que o Adolpho estava certo ao tomar aquela atitude.

A promoção foi em 1965. De três em três anos, a Assembléia dos Acionistas se reúne para renovar o mandato de um diretor que tem o sobrenome de Melo, é católico, apostólico, romano e praticante, sem pertencer nem à raça, nem à família nem à religião dos Bloch.

ALVAMAR FURTADO — Fale-nos agora um pouco sobre o homem Adolpho Bloch.

MURILO MELO FILHO — Minha amizade com Adolpho Bloch tem mais de 35 anos. São 12 horas de convívio diário. Ele tem um gabinete maravilhoso no 11º andar do edifício Manchete, decorado com quadros de Manabu Mabe, Jenner Augusto, Enrico Bianco, mas vota-lhe um profundo desprezo. Diz que morreria de tédio se fosse trabalhar nele. Prefere passar tardes inteiras na nossa sala (do Jaquito e minha), no 8º andar, comandando todo um imenso império, sentado na ponta de uma mesa, de onde fala com Nova Iorque, Lisboa, Fortaleza, Recife, Brasília, Porto Alegre, São Paulo, com presidentes da República, ministros de Estado, generais e governadores. O que ele gosta mesmo é do tumulto daquele espaço, vizinho à redação, com muitas pessoas em volta, despachando, falando, brigando, rindo.

Ele foi a pessoa que mais influência exerceu sobre mim. Tenho bem presentes na memória, até hoje, os seus ensinamentos de vida, baseados na experiência e no sofrimento de mais de 5 mil anos do seu povo. Costuma dizer que dinheiro e riqueza não valem nada na vida. Pois para ele só uma coisa vale mesmo: o trabalho.

Quando resolvi mudar-me para Brasília, levando mulher e filho pequeno, não falei nada com Adolpho sobre meu ordenado. E

quando já estava em Brasília, há dois meses, foi que ele fixou o quanto eu ia ganhar, numa base três vezes superior ao número que eu tinha em mente.

Pouco depois, mandou-me uma lancha para Brasília. Era o segundo barco a singrar as águas do lago da capital. O primeiro fora a *Gilda*, da presidência da República. A lancha chegou acompanhada de um bilhete:

"Murilo, aí vai esta lancha para você fazer relações públicas em Brasília. Não faça economia em matéria de relações públicas. Porque os judeus perderam o Cristo por falta de relações públicas. P.S. E fizeram um mau negócio, porque um homem como aquele não se perde.

Quase todos os meses eu vinha ao Rio. Certo fim-de-semana, fui para a casa da *Manchete*, na granja de Comary, em Teresópolis. Às 9 horas da manhã do domingo, Adolpho perguntou-me:

— Não está na hora da sua missa?

— Está sim, Adolpho. Mas nós estamos longe da igreja.

— Não tem importância. Vamos comigo.

Tirava o carro da garagem, deixava-me na porta da Catedral, em Teresópolis, comprava um jornal na banca da esquina e ficava lendo num banco do jardim fronteiro. Depois da missa, levava-me de volta para casa, acrescentando:

"Tenho muito orgulho de sua religião. Ficaria muito triste na vida se algum dia você deixasse de ser católico."

ALVAMAR FURTADO — Fale agora sobre a amizade do Bloch com o Juscelino?

MURILO MELO FILHO — Essa amizade foi posterior ao governo, porque, durante o mandato presidencial de Juscelino, o Adolpho teve apenas dois ou três encontros informais com o presidente. Mas foi no ostracismo e no exílio que mais se aprofundaram o amor e a fidelidade do Adolpho ao Juscelino.

Houve um dia, lembro-me bem, quando o Juscelino, já cassado, havia chegado de Lisboa e falou com o Adolpho:

— Eu gostaria tanto de ir ao baile de carnaval no Municipal.

— Presidente, a *Manchete* tem uma frisa alugada para os nossos fotógrafos e o senhor poderia ir, pois nos daria muito prazer.

Quando o Juscelino entrou no Municipal, o povo interrompeu a orquestra e começou a cantar "Como pode o peixe vivo viver fora dágua fria". Foi uma apoteose. D. Iolanda Costa e Silva estava no

andar de cima, no camarote presidencial, em companhia do Ministro Mário Andreazza, que depois me confirmaria o episódio, rindo muito:

"As únicas pessoas, no baile, que não aplaudiram o Juscelino foram D. Iolanda e eu."

D. Iolanda tomou aquilo como um insulto. Retirou-se e foi para o Hotel Glória, onde estava hospedada e de onde ligou para o marido dela, o Presidente Costa e Silva, no Palácio da Alvorada, em Brasília, queixando-se do "judeu Adolpho Bloch, que havia alugado 500 *smokings* na Casa Rollas para uma claque aplaudir o Juscelino".

Como se JK precisasse de claque! Houve um detalhe curioso. Quando D. Iolanda saiu do camarote, um folião passou a mão nela e disse:

"Aproveita porque essa sopa vai acabar" (RISOS).

Na Quarta-Feira de Cinzas, toda a nossa linha de crédito para desconto de duplicatas no Banco do Brasil e no então BEG (Banco do Estado da Guanabara), hoje Banerj, estava simplesmente cortada. O governo fecharia a *Manchete* em três dias. Foi aí que Delfim Neto, então ministro da Fazenda, botou o dedo no suspiro e disse: "Essa aqui não se fecha."

O Adolpho caminhava todos os dias às 7 horas da manhã, na Avenida Atlântica, fazendo o *cooper*, lado a lado com Juscelino, no sentido contrário ao dos carros que traziam os generais, naquela mesma hora, para o Ministério da Guerra. Muitos deles tomaram aquela fidelidade como um ultraje e um acinte. Alguns procuravam entendê-la. Mas outros nem a entendiam nem a aceitavam.

Hoje em dia, é fácil e é até um galardão fazer elogio a Juscelino. Mas naquela época foi muito duro.

ALVAMAR FURTADO — Você teve algum contato com Juscelino no exílio?

MURILO MELO FILHO — Certa vez, encontrei-me com ele, às vésperas do Natal, em Paris, que por si só já é um tempo muito triste, com a neve caindo do lado de fora da janela. Ele estava numa depressão profunda, lamentando-se muito. Afinal de contas, sempre fora magnânimo com os seus mais acirrados adversários e se via injustiçado naquele momento, cassado e exilado, justamente ele que havia sido um maravilhoso candidato à presidência da República e, logo em seguida, um presidente otimista e elegante nas atitudes.

Um belo dia, o Adolpho foi surpreendido lá na *Manchete*, com a visita do Coronel Haroldo Veloso, aquele que havia sido o líder da revolta de Jacareacanga, procurando pelo Presidente Juscelino, que nessa ocasião tinha um escritório lá no último andar do nosso edifício.

Levado pelo Adolpho, o Coronel Veloso foi à presença de JK e começou logo dizendo:

— Presidente, eu vim aqui para me penitenciar do meu erro.

— Mas, coronel, o senhor não tem de penitenciar-se de coisa alguma. Eu, se fosse o senhor, na sua idade, teria feito a mesma coisa.

E aos amigos que o condenavam por ter anistiado os revoltosos de Aragarças, JK costumava reponder:

"O que é que vocês queriam que eu fizesse? Que os transformasse em mártires? Se eu não os tivesse perdoado, eles estariam hoje exilados na Argentina e no Uruguai, transformados em heróis nacionais."

Adolpho pedia quase diariamente a mim, ao Justino Martins, Raymundo Magalhães Jr., Zevi Ghivelder, Arnaldo Niskier, aos seus sobrinhos Oscar e Jaquito e a vários outros colegas da *Manchete* para que fizéssemos companhia a Juscelino, lá no último andar do edifício, onde ele recebia os seus amigos, num gabinete especialmente preparado e que sobreviveu à sua morte, como Museu JK. Não se mexeu uma palha na decoração, nos móveis, na mesa e na cadeira que ele usou durante cinco anos no Palácio do Catete.

Adolpho preocupava-se muito para que JK não se sentisse um intruso em nossa empresa.

ALVAMAR FURTADO — E foi da Manchete que saiu o enterro dele?

MURILO MELO FILHO — Foi. E esta é outra história muito interessante para ser reconstituída neste momento.

Já no domingo, dia 15 de agosto de 1976, havia circulado o boato da morte de JK. Surpreso, Adolpho telefonou para Sérgio Ross, então nosso diretor em Brasília, pedindo-lhe que apurasse a procedência da notícia.

Sérgio mandou-se de Brasília para Luziânia, até a fazenda de JK, e lá encontrou o presidente, com um sorriso aberto, desmentindo, bem humorado, os boatos de sua própria morte.

Na semana seguinte, JK foi a São Paulo, atendendo um convite do ex-Governador Lucas Garcez, para participar de uma reu-

nião dos ex-governadores dos estados da Bacia do Prata. O seu avião, que deveria descer em Congonhas, às 10 horas, foi obrigado a aterrissar em Viracopos, às 11 e meia. Do aeroporto, ele telefonou para o Adolpho, que já estava na Casa da Manchete em São Paulo, onde se hospedaria durante dois dias, avisando que chegaria atrasado para o almoço. No trajeto para a capital, teve como companheiros Ulysses Guimarães e Franco Montoro, que viajaram com ele no mesmo automóvel.

Em São Paulo, reencontrou-se com vários amigos, como Laudo Natel, Olavo Drummond e Ademar de Barros Filho. Já passava das 5 horas da tarde do domingo, dia 22 de agosto, quando ele fez questão de levar Adolpho até o Aeroporto de Congonhas, despedindo-se com um forte abraço e de rosto colado, além de mostrar a passagem do avião que ia tomar para Brasília. Parecia adivinhar que aquela era a última vez que se falavam.

Já em casa, no Rio, às 8 horas da noite, Adolpho recebeu o primeiro telefonema, que lhe perguntava se sabia de algum desastre com JK na Rio—São Paulo:

— É impossível. A esta hora, ele deve estar voando para Brasília, segundo me anunciou esta tarde, em São Paulo.

Logo depois, outro telefonema. Desta vez, era o Deputado Mário Tamborindeguy, proprietário do Restaurante Roseira, que telefonava de Resende:

"Houve um desastre no Km165 da Via Dutra, aqui perto, e foram encontrados vários documentos de JK e do seu motorista Geraldo Ribeiro.

Meia hora depois, cheguei ao apartamento do Adolpho, que ficava a cinco quarteirões do meu. Lá já encontrei o médico Raymundo Carneiro, o sobrinho Jaquito, o nosso colega jornalista Carlos Heitor Cony e o ex-Ministro português Adriano Moreira. Debalde, o médico tentava dopar o Adolpho:

"Ele mais parece um Rasputin, que ninguém derruba."

Logo depois, ali chegava também o ex-Governador Carlos Lacerda, que chorou no ombro do Adolpho, lamentando o desencontro histórico que o fizera combater JK.

Do local do acidente, o corpo de JK foi transportado para o Instituto Médico-Legal. Reunindo suas últimas forças, Adolpho chamou-nos:

"Vamos para o apartamento de D. Sarah."



Dezembro de 1984: com o Professor Arnaldo Niskier e o Governador Tancredo Neves, então candidato à presidência da República no Rio.





Abril de 1973: "O Milagre Brasileiro", lançado um ano antes, já na 8.ª edição. E em abril de 1973: com o ex-Presidente Kubitschek, no Rio.



Julho de 1977: com Erik de Carvalho e o Presidente da Nigéria, na Varig, em Lagos, Nigéria.



Abril de 1976: com o Presidente Giscard d'Estaing, nos Champs Elysées, em Paris.

Março de 1978: à direita, com Gervásio Baptista, e
frente da Casa Branca, em Washington, EU



Abril de 1973: recebendo a Ordem Nacional do Rio Branco, em Brasília.



Junho de 1973: com Norma, nos muros do Vaticano, Itália.





Junho de 1983: com o Governador Leonel Brizola, na inauguração da Rede MANCHETE de Televisão, Rio.



Março de 1983: com Jaquito, Oscar e Alberto, no Parque da MANCHETE, Rio.



Março de 1985: durante a entrevista do Pres. Tancredo Neves, na Câmara dos Deputados.



Abril de 1987: com Diógenes e Daladier da Cunha Lima, Enélio Petrovich e Woden Madruga, recebendo a Medalha Câmara Cascudo, no cinqüentenário da Academia Norte-Riograndense de Letras.



Setembro de 1986: com os Presidentes José Sarney e Ronald Reagan, após o jantar na Casa Branca, em Washington, Estados Unidos.





Junho de 1988: com Adolpho Bloch, na MANCHETE, Rio.



Agosto de 1988: com os colegas, no Edifício da MANCHETE, Rio.



Novembro de 1988: com Norma e o Pres. Mário Soares, em Lisboa.





Fevereiro de 1989: em frente a um templo xintoísta, durante os funerais do Imperador Hirohito, em Tóquio, Japão.

Março de 1989: à esquerda, recebendo a Medalha "Alberto Maranhão", em Natal.

Quando lá chegamos, tivemos uma surpresa: já estava tudo arrumado para o enterro sair do Museu de Arte Moderna. Adolpho reagiu violentamente:

"Como? Do Museu de Arte Moderna? O que é que JK tem (ou teve) a ver com o Museu de Arte Moderna? Ele tem de sair da Manchete, que foi o seu último pouso.

Fomos então, eu e o Cony, para o Instituto Médico-Legal, de onde o corpo já estava saindo num rabecão para o Museu de Arte Moderna. Conseguimos, nós dois, convencer o motorista de que tinha de mudar o destino do caixão: em vez do Museu de Arte Moderna, ele devia ser depositado no *hall* do Edifício Manchete, onde começou a ser velado às 6 horas da manhã.

A partida para Brasília estava marcada para o meio-dia. Mas às 11 horas, a pressão popular no saguão da Manchete era tão grande que a saída foi antecipada, com receio da emoção que se apossara daquela massa humana, ainda atônita e traumatizada com o noticiário dos rádios.

Cantando o Hino Nacional e o *Peixe Vivo*, o povo carregou nos ombros o caixão até o Aeroporto Santos Dumont, onde a Varig e Erik de Carvalho haviam colocado um avião à disposição da família.

Em Brasília, foi aquele delírio comovente. Na Catedral, a multidão era praticamente incontrolável, quando a voz de uma frágil mulher, D. Sarah, exclamou emocionada ao microfone:

"JK pertence ao povo."

Hoje, ao reconstituir aquelas cenas, ainda me arrepio todo. E revejo na retina aqueles batedores, motoqueiros jovens, que escoltaram o corpo, altas horas da noite, até o Campo de Santana, onde ele ficou enterrado.

Dali só sairia oito anos depois, no dia 12 de setembro de 1984, quando foi inaugurado o Memorial JK, num terreno doado pelo Presidente Figueiredo e onde os seus restos mortais repousam agora para sempre, numa tumba encimada apenas por um nome: *O Fundador.*

ALVAMAR FURTADO — E a sua convivência com Jânio Quadros?

MURILO MELO FILHO — Alvamar, você me leva de volta a um assunto sobre o qual até hoje não me pronunciei. Mas vou aproveitar a oportunidade deste depoimento para fazer uma reveleção, a respeito da minha tese sobre a renúncia de Jânio.

Estávamos no mês de maio de 1960 e a única figura que existia no firmamento político, brilhando intensamente, era uma estrela chamada Juscelino Kubitschek.

Jânio Quadros eclipsara-se completamente desde quando, em novembro do ano anterior, renunciara à sua candidatura à presidência da República, deixando os Srs. Quintanilha Ribeiro, Oscar Pedroso Horta e Magalhães Pinto na sala de visitas de sua casa, em São Paulo, e escapulira pela porta da cozinha.

Com esta primeira renúncia de Jânio (a segunda aconteceria alguns meses depois), encheu-se o balão de JK, através da inauguração da Belém—Brasília, das primeiras fábricas de automóveis, dos primeiros navios e da inauguração de Brasília a 21 de abril.

Um mês depois, Jânio foi a Cuba. Saímos do Rio, num Super-Constellation da Varig, fretado e pilotado pelo Comandante Antônio Schittini. Éramos, entre outros: Afonso Arinos, Adauto Cardoso, Castilho Cabral, Cid Sampaio, Murilo Costa Rego, José Aparecido de Oliveira, Fernando Sabino, Augusto Marzagão, Villas-Boas Corrêa, Carlos Castello Branco, Carlão Mesquita, Márcio Moreira Alves, Juracy Magalhães Júnior, João Dantas, Paulo de Tarso, Moniz Bandeira, Seixas Dória, Castejon Branco, Hélio Fernandes, Rubem Braga, Jânio, D. Eloá, Tutu e eu.

Na ida, o avião desceu em Fortaleza, porque Jânio queria falar com o Governador Virgílio Távora e ver de perto a barreira do açude de Orós, que havia arrombado. O que se bebeu nessa viagem foi uma coisa inacreditável: bebeu-se tanto que um dos companheiros, hoje já morto, desceu em Havana numa padiola, em estado de coma alcoólica, e levado para um hospital cubano.

Fidel Castro estava no aeroporto, onde chegou um pouco atrasado, para nos receber, ao som de um conjunto de *mariaches.* Ficamos hospedados no Hotel *Habana Libre,* antigo Havana Hilton.

Certa noite, o Embaixador do Brasil em Cuba, Vasco Leitão da Cunha, ofereceu uma recepção em sua residência, tumultuada no final com o estranho desaparecimento do revólver de Fidel Castro, que o havia recebido de presente do líder soviético Mikoyan. Lá pelas tantas, reunidos na sala da frente, Fidel narrou o seguinte episódio para Jânio:

— Imagine o senhor, Dr. Jânio, que logo após a vitória da revolução, nós queríamos nacionalizar uma empresa americana e o Dr. Manuel Urrutia, que havíamos colocado na presidência da República, era contra. Queríamos encampar uma indústria estran-

geira e o Dr. Urrutia se opunha. O senhor quer saber o que eu fiz, Dr. Jânio? Eu renunciei ao meu cargo de Primeiro-Ministro. Quando o povo tomou conhecimento da minha renúncia, veio para essa praça aqui em frente a acampou durante três dias e três noites, exigindo a minha volta. (Vocês dois já estão percebendo onde quero chegar.) Eu então voltei ao cargo de Primeiro-Ministro, demiti o Dr. Urrutia e nomeei o Dr. Oswaldo Dorticós, que está aqui ao nosso lado, para a presidência da República.

Como circunstantes e testemunhas, estavam presentes Raul Castro, irmão de Fidel, Raul Rola, ministro das Relações Exteriores e "Che" Guevara, respirando pela sua bomba de asmático e que me impressionou profundamente.

O Jânio que foi a Cuba era um Jânio deprimido, pessimista, derrotado. O Jânio que voltou de Cuba para o Rio era outra pessoa: otimista, animado, certo de que ia ganhar a eleição. Sentado no último banco do avião, lá atrás, rolando entre as mãos uma dose quente de uísque, Jânio me chamou para a cadeira ao lado e me disse, pensativo:

— Você viu, Murilo, o que o Primeiro-Ministro Fidel Castro fez? Ele renunciou e o povo veio para a rua exigir a sua volta.

Tenho hoje absoluta convicção de que aquele episódio se fixou tanto na mente de Jânio que, um ano e três meses depois, quando renunciou à presidência da República e chegou ao aeroporto de Cumbica, ele perguntava:

— E o povo? Onde está o povo que não veio me buscar?

ALVAMAR FURTADO — Isto aí explica uma porção de coisas.

MURILO MELO FILHO — Estou fazendo esta revelação em público pela primeira vez. Tenho certeza, Alvamar, de que aquele episódio influenciou muito a decisão dele de renunciar também, à semelhança de Fidel.

ALVAMAR FURTADO — Ele ficou trabalhando em cima dessa idéia. Esta revelação é histórica, inédita e sensacional.

CARLOS LYRA — Você residia em Brasília quando Jânio renunciou. Como foi o dia da renúncia?

MURILO MELO FILHO — O ambiente estava tenso e carregado. Essa tensão havia atingido o auge quando, na noite de 24 de agosto de 1961, o Governador Carlos Lacerda ocupara uma cadeia de televisão, para acusar o Presidente Jânio Quadros de tê-lo tentado atrair para um golpe de estado. Na manhã do dia 25 de agosto (sempre agosto, heim!), eu me postei em frente ao edifício do

Ministério da Guerra, para assistir ao desfile do Dia do Soldado, ao qual Jânio compareceu e condecorou várias autoridades.

A cerimônia transcorreu como se nada de anormal fosse acontecer naquele dia. Jânio tinha o ar distante e despreocupado: ouviu a ordem do dia do ministro da Guerra, cujos termos não eram do seu agrado. Assim que terminou o desfile, despediu-se dos ministros no palanque e se dirigiu para o carro oficial, que o aguardava.

Muitos fotógrafos desviaram as suas máquinas, considerando que se tratava de um ato rotineiro e habitual, sem qualquer interesse jornalístico. Mas o então fotógrafo da *Manchete*, Jankiel Gonczarowska, como que movido por estranho pressentimento, achou que devia fotografar aquela cena. Viu Jânio marchar na direção do carro. Os militares, com a mão nos quepes, prestaram-lhe continência. Contornando o carro, o fotógrafo Jankiel fixou o flagrante. Mal sabia ele que estava, naquele momento, fazendo a última foto de Jânio como presidente da República.

Quando o renunciante se retirou para o Palácio do Planalto, fui atrás dele. Sabia do agravamento da situação política e imaginava que alguma coisa de grave poderia acontecer a qualquer momento.

Eram 11 horas da manhã e os rumores da renúncia já dominavam toda a atmosfera do Palácio. Daí à confirmação foi um passo: estava conversando com o jornalista Araújo Neto, no mezanino, quando Carlos Castello Branco, Secretário de Imprensa do Presidente, veio dizer-nos que Jânio já se preparava para deixar Brasília com destino a São Paulo. Nem fui almoçar em casa naquele dia. Fiquei pulando do Palácio do Planalto para o edifício do Congresso e vice-versa.

CARLOS LYRA — É verdade que você esteve com a carta de renúncia nas mãos?

MURILO MELO FILHO — Veja bem. Às 14 horas e 30 minutos, o Ministro Oscar Pedroso Horta saiu do Palácio do Planalto com destino ao gabinete do Senador Moura Andrade, presidente do Senado. Cruzei apressadamente a Praça dos Três Poderes e cheguei à porta do gabinete do Senador Moura Andrade antes mesmo do Ministro Pedrosa Horta. Ao deparar-se comigo, o ministro entregou-me uma cópia da carta-renúncia, dizendo:

— Veja se isto lhe interessa.

A princípio, custei a acreditar no que estava lendo. Mas foi o suficiente para que eu saísse em disparada rumo à Câmara. Ao

chegar à porta do plenário, encontrei-me com o Deputado Abelardo Jurema:

— Se você quiser entrar para a história, leia esta carta agora, ali da tribuna.

Jurema achou o conteúdo tão grave que preferiu não o ler. Ele mesmo narra e confirma todo este episódio com detalhes no seu livro de memórias. Estava na tribuna o Deputado Dirceu Cardoso, que recebeu a carta das mãos de Jurema e que, após ligeira hesitação, leu o texto para um plenário ainda semideserto. Um dos poucos deputados presentes era o catarinense Osmar Cunha, que pegou o microfone e gritou:

— Que Mazzili assuma imediatamente.

Já então o plenário começava a encher-se e o Deputado Sérgio Magalhães, que presidia a sessão, teve dificuldades em garantir a ordem para que o Deputado Nestor Jost pudesse discursar sobre a renúncia.

Inutilmente, o Ministro Afonso Arinos tentou ganhar tempo e apelou para que a Câmara não tomasse conhecimento da carta, pois sustentava que sua aceitação poderia provocar uma guerra civil no país. Sugeria que ela fosse submetida à deliberação do Congresso.

O Deputado José Maria Alkmin argumentava que a renúncia era um ato unilateral de vontade e, portanto, não dependia de qualquer votação do Congresso. Uma pessoa quer renunciar, renuncia, está acabado. Aconselhou, então, o Senador Moura Andrade a declarar vaga a presidência da República. O astuto PSD reconhecia ter chegado o momento de vingar-se de Jânio.

E como o Vice-Presidente João Goulart estava ausente do país, foi convocado o Deputado Ranieri Mazzili, na qualidade de presidente da Câmara, para assumir a chefia do governo.

A partir daquele dia, 25 de agosto de 1961, o Brasil iria entrar numa das mais turbulentas fases de sua história. Começaria a *batalha da legalidade*, sob o comando do Governador Leonel Brizola e do General Machado Lopes, que lá de Porto Alegre iniciariam pelo rádio a campanha para garantir a posse de Jango Goulart, contra a qual se colocaram os três ministros militares — Odílio Denys, Sylvio Heck e Grum Moss.

Houve aquela solução conciliatória do Senador Nelson Carneiro, para adoção do sistema parlamentarista, que engendrou três governos de gabinete e sucessivas crises políticas. Jango termi-

nou recuperando os seus poderes presidencialistas através de um plebiscito, mas as crises se agravaram e terminaram desembocando na revolução de março de 1964.

CARLOS LYRA — Você esteve em Cuba, com o Fidel Castro, e deve ter escutado muitas histórias sobre a revolução cubana. Pode contar alguma delas?

MURILO MELO FILHO — O repertório e o folclore sobre Fidel Castro são muito extensos e variados. Há histórias realmente comoventes. Uma delas aconteceu quando os revolucionários ainda estavam em Sierra Maestra e o corredor Manuel Fangio foi fazer uma corrida em Havana. Para dar uma repercussão internacional à sua revolução, os partidários de Fidel seqüestraram o Fangio. Mas eles precisavam depois devolver o seqüestrado com vida, porque o ditador Fulgencio Batista começou a anunciar pelo rádio que os revolucionários já tinham assassinado a sua vítima. A rádio rebelde de Sierra Maestra anunciou então que Fangio seria devolvido em tal dia e tal hora, na praça central de Havana, e convidou o povo para testemunhar essa devolução. Fidel reuniu a tropa lá na serra e disse que precisava de um soldado para acompanhar o Fangio até aquele local, mas advertiu que esse soldado não voltaria vivo, porque Batista não o permitiria. Pediu que um voluntário se oferecesse para essa missão e desse um passo à frente. Toda a tropa deu um passo à frente e ele então escolheu o soldado mais jovem, um garoto de 15 anos, que acompanhou o Fangio, devolveu-o vivo, mas evidentemente nunca mais voltou.

ALVAMAR FURTADO — Você, nessa ocasião, sentiu o Fidel Castro já definido ideologicamente como comunista?

MURILO MELO FILHO — Não ainda, e essa sua pergunta é muito importante. Vem mesmo a calhar. Eles todos estavam muito preocupados com a imagem de que fossem comunistas e nos perguntavam muito: "Vocês acreditam nessa balela do imperialismo de que nós somos comunistas?" Nós respondíamos que *não*, porque até então realmente eles não tinham ainda feito opção pelo comunismo. Essa opção só se fez seis meses depois da nossa passagem por lá e foi um erro terrível da diplomacia americana, porque jogou Cuba e Fidel Castro nos braços de Moscou.

CARLOS LYRA — Você já esteve no Vietnã e no Cambodja. Ser correspondente de guerra é perigoso realmente?

MURILO MELO FILHO — É muito interessante esta sua pergunta, porque me dá oportunidade de contar alguns fatos que ocorreram

comigo no Sudeste asiático. Em 1967, recebi um convite para ir ao Vietnã. Em companhia do atual Embaixador Celso Souza e Silva, que era então diretor do *Jornal do Brasil*, de Gervásio Baptista, de Antônio Faustino Porto Sobrinho *(Diários Associados)*, de Isaac Piltcher *(O Globo)* e Hamilton Ribeiro *(O Estado de S. Paulo)*, que perdeu uma perna tragicamente, ao pisar numa mina em Saigon, passei três semanas no Vietnã. Dez dias depois que havíamos saído de lá, o mesmo garoto que todas as semanas entregava um saco de roupa lavada para os soldados americanos hospedados naquela hospedaria onde tínhamos ficado, certa tarde entregou aquele mesmo pacote de roupa com uma banana de dinamite dentro, que explodiu a casa e matou todo mundo.

Tornava-se muito difícil saber se um vietnamita do norte era vietcongue ou não, porque seria o mesmo que separar o Brasil aqui na Bahia, dividindo-o meio a meio, e descobrir se o pernambucano que estava no Rio era ou não um guerrilheiro.

Sete anos depois, em companhia do fotógrafo Antônio Rudge, voltei a Saigon e de lá fui para Phnom-Phen. Era o primeiro jornalista brasileiro até então (e até agora) a cobrir a guerra no Cambodja. De lá, voei para Vientiane, capital do Laos. E, na decolagem, vi lá embaixo os canhões atirando contra o nosso avião, que fazia um vôo comercial e que, se fosse atingido, teria para os rebeldes uma grande repercussão internacional.

Aquelas eram guerras estúpidas: enormes fossos cavados na terra, os guerrilheiros andando lá embaixo, respirando por uns tubozinhos de bambu. Com morteiros, lançavam bombas sobre as retaguardas americanas. Os Estados Unidos se desgastaram terrivelmente e terminaram naquela trágica retirada de Saigon, depois de perderem 55 mil soldados. Até hoje, o povo americano sente a síndrome do Vietnã.

CARLOS LYRA — Você, que esteve no Sudeste asiático, poderia nos dar o seu testemunho sobre a Índia, um país onde o povo morre de fome, as crianças têm os seus ossos quebrados pelos pais para que sejam mendigos pelo resto da vida, porque, afinal de contas, para eles ser mendigo é uma profissão melhor do que muitas outras. Realmente, isso existe?

MURILO MELO FILHO — Existe, sim. Eu vi um país onde 100 milhões de habitantes, quase tanto quanto toda a população brasileira, vivem, moram, dormem e fazem as suas necessidades na rua, porque não têm casa. É como se todos os brasileiros não tivessem

onde morar e vivessem na maior promiscuidade. Um país com aqueles tabus e aquelas castas: o povo morre de fome e as vacas morrem de velhas, porque são sagradas. Uma nação, enfim, sem solução para os seus problemas, enquanto o Brasil tem probleminhas, com solução à vista. Basta só um pouco de juízo e de equilíbrio na nossa classe política.

CARLOS LYRA — Vamos sair dessa paisagem desoladora de guerra e de fome, e voltar ao Brasil, para uma paisagem mais amena. Seu relacionamento com grandes nomes nacionais, como Tancredo e Brizola.

ALVAMAR FURTADO — Esse problema de Tancredo é interessante, porque ele se tornou um herói nacional e uma personalidade muito venerada.

MURILO MELO FILHO — Tancredo foi um dos últimos remanescentes daquela geração pessedista de Minas, que comandou a política brasileira, com extraordinária habilidade, durante mais de 20 anos. Tinha uma habilidade insuperável. Lembro-me de um fato curioso. Ele era primeiro-ministro, em 1961, nós morávamos em Brasília e oferecemos, em sua homenagem, um coquetel em nosso apartamento. Chegou acompanhado de D. Risoleta e do Deputado Drault Ernnany. Quando o fotógrafo Jáder Neves aprontou a máquina para fazer uma foto dele comigo e minha mulher, ele escondeu o copo de uísque atrás do corpo. Aí eu perguntei:

— Dr. Tancredo, por que é que o senhor fez isto, escondeu o copo atrás do corpo?

— Pelo seguinte, Murilo. Porque lá em Minas a UDN bebe e o PSD leva a fama (RISOS). O Milton Campos bebe, o Pedro Aleixo bebe e o Benedito Valadares leva a fama (RISOS).

CARLOS LYRA — E como é o homem Brizola?

MURILO MELO FILHO — Com Brizola, aconteceu um fato muito pitoresco. Ele havia voltado do exílio, era candidato a governador do Rio de Janeiro e queria reaproximar-se da *Manchete* e do Adolpho. Certo dia, às 7 horas da manhã, ligou para minha casa. Foi atendido pela minha mulher, que lhe disse:

— Dr. Brizola. O Murilo já foi para a *Manchete.*

— Mas a esta hora, minha senhora? Isto é horário de milico.

Então ele foi a *Manchete.* Queria que nós imprimíssemos um folheto com o número dos seus candidatos a deputado, para distribuir porta a porta. Quando nós passamos para o laboratório foto-

gráfico, o restaurante todo o reconheceu. Quando voltamos, os funcionários de pé o aplaudiram. Aí eu disse:

— Olha aqui, Adolpho. Quando um candidato está assim, é simplesmente invencível.

Aí ele se elegeu governador e nunca mais nos vimos. No último ano de governo, portanto quatro anos depois, ele foi a *Manchete* entregar o Prêmio *Tendência*, durante um jantar que nós promovemos uma vez por ano para entregar prêmios a determinadas personalidades que se tenham destacado em seus respectivos segmentos de atividade. Nesse ano, o Prêmio de Finanças foi para o Secretário de Fazenda, César Maia. E o Governador Brizola ia entregar a escultura e o diploma.

Quando ele chegou, havia mais de 500 empresários na antesala do teatro. Câmaras de televisão, máquinas fotográficas, muitas pessoas querendo falar com ele. Estavam entre nós dois quatro filas de pessoas. Olhando por cima delas e me vendo, ele disse apontando para mim:

— Murilo, horário de milico.

Achei aquilo uma coisa inacreditável. Quatro anos depois, durante os quais ele viu milhares de pessoas, lembrou-se daquele comentário e juntou o nome à pessoa. Revelou-se um político atilado e atento a tudo.

ALVAMAR FURTADO — Como você está vendo a atual paisagem de líderes brasileiros?

MURILO MELO FILHO — Vejo da seguinte forma. Ainda esta semana, eu estava aqui em Natal comemorando o 45º aniversário de formatura da minha turma no Colégio Marista. É uma turma da qual fazem parte, entre outros, José Cortez Pereira, Ângelo Varela, Roberto Varela, Mário Tavares, Solon Galvão, Breno Wanderley, Renato Bandeira, Roberto Menescal, José Ferreira da Silva, Darcy Freire, Wilton Pinheiro, Dinarte Mariz Júnior, Genebaldo Barros, Jorge Coelho, José Guerreiro, Ivanaldo Fernandes, Jair Navarro e vários mais. Estava lá, depois da missa no Colégio de Santo Antônio, quando um repórter da TV Ponta Negra me fez uma pergunta sobre a atual situação política do país. Então respondi mais ou menos o seguinte:

— A situação de hoje guarda muitas semelhanças com a de 1964: falta de comando administrativo, greves, agitações, aumento do custo de vida, inflação galopante etc. Mas, se todos se lembrarem bem, há uma diferença em relação a 1964: é que naque-

le tempo havia lideranças militares guardadas nos quartéis e intactas para intervirem no momento necessário. A gente pode até não gostar delas e não lhes ser simpáticos. Mas havia os generais Castello Branco, Costa e Silva, Amaury Kruel, Denys, Lott, Golbery, Malan, Figueiredo, os dois Geisel, Cordeiro de Farias, Médici, Olympio Mourão. E existiam também lideranças civis vivas: Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Ademar de Barros, Magalhães Pinto, etc. Hoje não existe nada, nem civil nem militar.

ALVAMAR FURTADO — E você, na qualidade de jornalista político, como é que explica esta ausência de lideranças civis do Brasil?

MURILO MELO FILHO — Em parte, a própria revolução de março de 64 foi responsável por isto. Na medida em que fechou a UNE e os diretórios acadêmicos, substituiu os partidos políticos e aboliu os sindicatos, ela fez cessar as grandes fontes de formação das lideranças.

Tanto isto é verdade, meu caro Alvamar, que, se por exemplo, o Presidente Sarney, esta semana, em vez de ser deposto por um golpe ou por uma revolução, ou por uma quartelada qualquer, como hoje foi derrubado o General Strossner no Paraguai, se, em vez disto, ele mandasse uma carta ao Congresso, renunciando espontaneamente à presidência da República, quem é que o substituiria? Ulysses Guimarães? Mário Covas? Fernando Henrique Cardoso?

Querem vocês outras provas disto? Quais são os candidatos mais falados hoje? Brizola, Ulysses, Jânio, Montoro, todos eles septuagenários, de 30 anos atrás. Não surgiram lideranças novas.

CARLOS LYRA — Mas, Murilo, o Brasil de hoje tem pressa. Você aborda este tema no seu livro *O Desafio Brasileiro.*

MURILO MELO FILHO — Todos nós aqui em Natal, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em todo o país, estamos já agora sinceramente convencidos de que o Brasil de hoje tem de queimar etapas e dar o seu grande salto. Teremos de fazer, nestes próximos 20 anos, quase tudo quanto os países agora já desenvolvidos levaram 200 anos para fazer. A atual geração de brasileiros — da qual cada um de nós é um pouco responsável — viu-se de um momento para outro chamada a cumprir uma fascinante missão: a missão de dizer se ela foi, ou não, competente para construir uma sociedade justa, uma sociedade moderna, uma sociedade progressista, que as gerações anteriores, por motivos que não nos cabe aqui discutir, não puderam viabilizar. Estamos definitivamente resolvidos a pro-

var a nossa capacidade como povo e a nossa viabilidade como nação. O nosso objetivo hoje é a prosperidade. A nossa vocação comum é de grandeza. A nossa hora e vez é de participação. Aqui e agora.

ALVAMAR FURTADO — As potencialidades brasileiras são ilimitadas.

MURILO MELO FILHO — Afinal de contas, temos uma extensão territorial de 8.511 quilômetros quadrados, a quinta superfície no mundo, que em tamanho só perde para a Rússia, a China, os Estados Unidos e o Canadá, mas que em matéria de despovoamento e de espaços vazios é o segundo no *ranking* mundial. Perdemos aí apenas para os canadenses. Temos uma população de 150 milhões de brasileiros e seremos 200 milhões daqui a 20 anos. Temos uma fronteira de 8 mil quilômetros de limite com 9 países sul-americanos. Temos um litoral de 9 mil quilômetros. Tanto assim é que se conta a seguinte história. Quando Deus estava criando o mundo, chamou São Pedro e recomendou:

— Pedro, as melhores florestas para o Brasil; os maiores rios para o Brasil; as riquezas minerais mais abundantes para o Brasil. Agora, terremotos, vulcões e maremotos para o Japão; tufões para os Estados Unidos; furacões para o Caribe.

— Mas, Senhor, então tudo de bom para o Brasil e tudo de ruim para os outros?

— Calma, Pedro, você vai ver os políticos que eu vou pôr lá (RISOS).

ALVAMAR FURTADO — E quanto ao atual Congresso, qual é a sua opinião?

MURILO MELO FILHO — Está acontecendo, inclusive, uma coisa muito curiosa. Quando acabou a ditadura de Getúlio Vargas, no Estado Novo, dizia-se que o povo tinha de votar cada vez mais, para aprender a eleger bons representantes. Quando se reuniu a Constituinte de 1946, fazia 12 anos que o povo não votava (a última vez fora para a Constituinte de 1934) e, apesar dessa falta de prática, elegeu um dos melhores Congressos já reunidos neste país, em matéria de qualidade humana: Nereu Ramos, Agamemnon Magalhães, Acursio Torres, Souza Costa, Amaral Peixoto, Cirilo Júnior, Afonso Arinos, Prado Kelly, Gustavo Capanema, os dois Mangabeiras, Otávio e João, Artur Bernardes, Luís Carlos Prestes, Jorge Amado, Euclides Figueiredo, Getúlio Vargas, Raul Pilla, Luiz Viana Filho, Hamilton Nogueira e Altino Arantes. Enfim, um Congresso excepcional.

ALVAMAR FURTADO — Gente da melhor qualidade.
CARLOS LYRA — Constituinte sem *lobby*.
MURILO MELO FILHO — De 1946 para cá, o povo tem votado constantemente, senão para presidente, durante os vinte anos de governos militares, mas, pelo menos, para o Congresso e, no entanto, tem eleito péssimos parlamentares, como Juruna, Agnaldo Thimóteo etc.

No caso particular do Rio Grande do Norte, a bancada federal na Constituinte era constituída dos Senadores José Ferreira de Souza, Kerginaldo Cavalcanti e Georgino Avelino. Os deputados federais eram Café Filho, Dioclécio Duarte, José Varela, José Augusto Bezerra de Medeiros e Aluízio Alves, muito mocinho, com 22 anos e que então não era levado muito a sério.
CARLOS LYRA — E o seu relacionamento com as figuras políticas do Rio Grande do Norte, com Café Filho e Dinarte Mariz, por exemplo.
MURILO MELO FILHO — Café Filho era um extraordinário tribuno. Conquistou muita fama e prestígio porque lia os jornais da manhã (*Diário de Notícias, Jornal do Brasil, Diário Carioca, Correio da Manhã*) e fazia um discurso na base das notícias do dia. Assim, derrubou ministros de Estado, entre os quais Correia e Castro, todo-poderoso Ministro da Fazenda do Governo Dutra, e se projetou como um excelente parlamentar, a tal ponto que, na sucessão presidencial de 1950, quando Getúlio quis um candidato popular para a vice-presidência na sua chapa, foi escolher justamente o Café Filho, apesar de toda a oposição da Igreja e da Liga Eleitoral Católica.

Quanto ao Dinarte Mariz, posso dizer que ele foi um líder muito importante para o Rio Grande do Norte, um homem primário, de poucas letras, mas com uma inigualável capacidade de comunicação, que captava as frases de outros e apresentava tudo com muita propriedade, com muito amor e com muito entusiasmo.
ALVAMAR FURTADO — Ele tinha um profundo conhecimento do caráter das outras pessoas. Era um homem de definições, mesmo quando erradas. Daí o grande sucesso político de sua vida.
CARLOS LYRA — Agora, Murilo, a TV Manchete. Um pouco da sua história, das dificuldades iniciais e da sua chegada aqui em Natal.
MURILO MELO FILHO — Olha aqui, por incrível que pareça, a minha mãe, que está há sete anos prostrada numa cama, com um processo de arteriosclerose muito violento, foi importante para a

vinda da TV Manchete a Natal. É que eu tinha de vir vê-la freqüentemente, mas a partir de certo tempo não pude mais fazê-lo, porque me cobravam muito a imagem da TV Manchete, em cada esquina e em cada calçada. Aqui em Natal, só existiam então a TV Universitária e a TV Globo, sendo que esta última chegava aos natalenses com uma imagem péssima, verdadeiro lixo, repetida numa torre precaríssima.

Então, um belo dia, eu fiz uma promessa: só voltarei a Natal com a imagem da TV Manchete. Fui para o Rio, botei o projeto debaixo do braço, lutei na Embratel para conseguir o *link* Recife—Natal, comprei uma torre que, desmontada, veio rolando pela estrada, lá de Caxias do Sul, durante dez dias. Quando chegou a Natal, já havia três fundações prontas no morro do Tirol, foi só montar a torre e um belo dia eu vim aqui, apertei um botão e estourou nos receptores a imagem da TV Manchete. Então, a minha mãe, coitada, velhinha, doente, sem poder mais ver televisão, mal sabe que teve uma influência danada na chegada da imagem da TV Manchete, aqui em Natal. Mas no fundo eu fiquei feliz, porque tudo quanto você faz pela sua terra tem uma importância atávica e um valor em dobro.

CARLOS LYRA — Como é que vocês ganharam esses canais de TV?

MURILO MELO FILHO — Nós nada sabíamos de televisão, porque todo o nosso *know-how* se limitava a editar revistas semanais e mensais. Entramos naquela concorrência aberta para a sucessão dos canais da TV Tupi, que haviam sido cassados, sem muita esperança de vencê-la. Certo dia, recebemos a comunicação de que tínhamos sido os vitoriosos. Havia outras empresas no Rio e em São Paulo que já se consideravam praticamente vitoriosas, tendo inclusive mandado profissionais para fazerem cursos de especialização no exterior.

Você há de me perguntar: por que fomos os preferidos? O Presidente Figueiredo, que foi quem nos concedeu os canais, confessou-me recentemente que tomou aquela decisão em reconhecimento à fidelidade do Adolpho e da *Manchete* ao Juscelino.

"Não quero dar essa televisão a uma empresa que depois se volte contra mim, quando eu não for mais presidente."

Temos cinco canais próprios — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Fortaleza — além de 41 afiliadas que cobrem hoje 90% do território brasileiro. Nunca tivemos a pretensão de competir com a TV Globo. Nosso objetivo é o de atingir um 2º lugar, que dizem que bem administrado é melhor do que o 1º com desperdício.

CARLOS LYRA — Você está aqui em Natal e eu lhe pergunto qual a sua impressão da cidade?
MURILO MELO FILHO — Quando eu comecei a trabalhar no *Diário,* aos 12 anos de idade, Natal era nessa época uma cidade de 50 mil habitantes, que iria enfrentar os anos duríssimos da Segunda Grande Guerra. Mas já era a cidade-presépio; cidade dos bairros típicos (Ribeira, Alecrim, Baldo, Lagoa Seca, Carrasco, Quintas, Rocas, Canto do Mangue, Tirol, Petrópolis); cidade das praias lindas (Ponta Negra, Pirangi, Areia Preta, do Meio, do Forte, da Redinha, de Muriú, Genipabu, de Jacumã); cidade dos pescadores corajosos, das dunas brancas e selvagens, dos coqueiros luxuriantes, dos mares de sargaços, dos cajueiros enfeitados, das mangueiras exóticas; cidade dos lugares tradicionais (Grande Ponto, Reis Magos, Natal Clube, Majestic, Mercado, Rex, Royal, São Luís, Cova da Onça, Rua Chile, Dr. Barata, Tavares de Lira, Rio Branco, Aero-Clube, América, ABC); cidade heróica, que resistiu aos holandeses e que iria transformar-se no Trampolim da Vitória; cidade avançada do Brasil ao rumo da África; cidade espremida entre o rio Potengi e o oceano Atlântico; cidade de gente acolhedora e cativante.

Natal hoje é uma cidade hospitaleira, limpa, os meios fios pintados de branco, o povo é bom e ainda não sofre os problemas das grandes cidades. Os suíços, aliás, dizem que as cidades devem ter no máximo 1 milhão de habitantes, porque depois disto é que começam os problemas de segurança, trânsito, habitação, favela etc. Natal está ali, com 650 mil, bem próximo do limite, mas, enquanto não o atinge, oferece maravilhosas condições de vida. Quem vem a Natal não a esquece jamais. Quem sai de Natal, como eu saí, para travar batalhas em outras paragens, sempre se lembra dela.
CARLOS LYRA — Você guarda muitas lembranças de sua infância aqui?
MURILO MELO FILHO — Guardo muitas recordações de uma infância humilde e modesta, mas feliz e inesquecível: as lembranças da primeira comunhão na Igreja de Santa Teresinha, do futebol no Seminário de São Pedro, das aulas no velho Ateneu, com Luís da Câmara Cascudo, Gentil Ferreira, Celestino Pimentel, Clementino Câmara, o nosso Alvamar Furtado, aqui presente, Orígenes Monte, Luís Antônio dos Santos Lima, Esmeraldo Siqueira, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, do Cônego Luís Wanderley, do padre

Luís Monte e de tantos outros. Aqui ficaram também a admiração e o respeito que devoto aos homens cultos, aos pensadores, poetas, magistrados, escritores, médicos, empresários, juristas, professores, advogados e jornalistas da minha terra.

CARLOS LYRA — Qual a sua impressão sobre a classe média, de Natal?

MURILO MELO FILHO — Eu tenho sustentado sempre a tese de que a classe média de Natal — o advogado, o engenheiro, o médico, o pequeno empresário — está vivendo melhor do que a classe média no Rio e em São Paulo. Aqui, ela vem almoçar em casa, dá um cochilo depois do almoço, geralmente tem a sua casa na cidade e outra na praia, um ou dois automóveis, uma viagem por ano ao exterior e outra ao sul. Quando chega lá, está sedenta e ávida por teatros e cinemas, que nós, residentes sulistas, quase não temos saúde e tempo para freqüentar.

ALVAMAR FURTADO — Gostaríamos de ouvir a sua opinião sobre o turismo em Natal, porque nós estamos atravessando uma fase decisiva, diante de João Pessoa, que tem um plano extraordinário na sua Costa do Sol e, se não houver muito cuidado com a política turística em Natal, vamos perder essa chance.

MURILO MELO FILHO — A minha opinião é a de que o turismo representa uma indústria muito importante para uma cidade como Natal, com este sol maravilhoso e permanente, estas praias deslumbrantes, com sua carne seca e comidas típicas. No último mês de janeiro, que terminou anteontem, o turismo rendeu para Natal nada menos de 10 milhões de cruzados novos, que, com o dólar ao par, são iguais a 10 milhões de dólares. E esse é um dinheiro bem-vindo, porque fica aqui e se multiplica, no motorista de táxi, no garçom, no guia, no artesão. Ao contrário disto, 10 milhões de dólares aplicados, por exemplo, num programa de irrigação, teriam 80% devolvidos a São Paulo para comprar cimento, adubo, tubos etc.

ALVAMAR FURTADO — Estamos vivendo uma crise hoteleira, não há vagas nos hotéis, paramos de construí-los, os turistas ficam dormindo nos corredores à espera de um quarto. O que salva é a paisagem natalense, a beleza da cidade, que nenhum administrador consegue destruir. Este é que é o nosso grande capital, muito importante.

MURILO MELO FILHO — Houve um arquiteto italiano, chamado Paolo Palumbo, que, em 1929, fez o primeiro plano urbanístico

para a primeira cidade do Brasil, que foi Natal. Ele alocou aquelas avenidas do Tirol e de Petrópolis, perpendiculares, bem largas, e que nenhum prefeito posterior tentou sequer modificar. Essas avenidas, depois de pavimentadas, ficaram mais largas ainda. Por elas, flui um vento permanente vindo do mar.

CARLOS LYRA — Fale-nos agora um pouco sobre o escritor Murilo Melo Filho, com vários livros já publicados.

MURILO MELO FILHO — Tenho sido sempre mais jornalista do que propriamente escritor. Minha produção de livros reduziu-se praticamente à trilogia: *O Desafio Brasileiro, O Milagre Brasileiro* e *O Modelo Brasileiro*, que atenderam a um sedento interesse do país por informações sobre ele mesmo. Além desses, escrevi, na companhia de Joel Silveira, Raymundo Magalhães Jr. e Arnaldo Niskier, um livro sobre o conflito de Israel em 1967, sob o título *Cinco Dias de Junho*. E, juntamente com Octavio de Faria, Rachel de Queiroz, Josué Montello, Gustavo Corção, Hélio Silva, Adonias Filho, Cassiano Ricardo e Amando Fontes, escrevi um livro chamado *O Assunto É Padre*, no qual narro a história de como quase entrei para o seminário.

Certa tarde, eu cheguei em casa e disse para minha mãe:

"Eu quero ser padre."

Mamãe ficou entre surpresa e feliz. Ter um filho sacerdote talvez fosse, para ela, a suprema recompensa de toda uma vida de lutas e sofrimentos.

"Por que você quer ser padre?"

"É porque, a senhora sabe, os seminaristas todas as tardes, depois das aulas, jogam bastante futebol."

Toda a minha vocação sacerdotal ficou então desmascarada: na impetuosa inocência dos meus sete anos de idade, não sabia distinguir até onde ia o chamamento divino e onde começava o apelo desportivo. Soube-o, porém, a minha mãe. Evitou-me a experiência do seminário, pela qual passaram tantos outros escritores e jornalistas da minha geração.

Afinal, eu não fui padre. Mas prometi naquela ocasião que tentaria ser pelo menos um razoável católico, o que tenho procurado sempre, através de uma vida correta e digna, para deixar aos meus filhos um exemplo dessa correção e dessa dignidade.

CARLOS LYRA — E como é Murilo Melo Filho, hoje?

MURILO MELO FILHO — Hoje eu sou o diretor-responsável e o editor político das revistas do grupo Bloch, tanto as semanais

como as mensais e participo semanalmente de um programa político na TV Manchete, apresentado pelo meu fraternal amigo, o acadêmico e professor Arnaldo Niskier. Chego às 7 horas da manhã na minha sala. Tenho duas horas apenas para escrever, porque já às 9 horas começa nela um agitado movimento. É impossível ter tranqüilidade para escrever alguma coisa. Não existe um dia igual ao outro. A palavra monotonia não pertence ao nosso dicionário. Fico na Manchete até as 6 horas da tarde. Então, são 11 horas por dia, geralmente interrompidas pelo almoço, com convidados ou com os colegas, aos quais devoto uma grande afeição e amizade. Não raro, prorrogo a minha permanência no edifício, através de coquetéis e de jantares que oferecemos.

Por uma dessas curiosas coincidências da vida, quis o destino que eu encontrasse na raça judia alguns dos meus mais carinhosos amigos e companheiros.

CARLOS LYRA — Diz-se que você pensa em voltar para Natal.

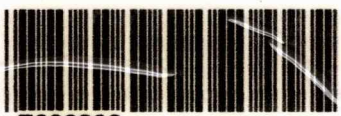
MURILO MELO FILHO — Tenho como esperança e como projeto de vida diminuir um pouco esse ritmo de trabalho. Afinal de contas, estou trabalhando há 48 anos sem nunca ter conhecido férias, o que é um erro muito grande. Não é por nada, não, que almejo a diminuição desse ritmo. É apenas para ver se em vez de mais cinco anos, consigo viver mais dez, a fim de reler os clássicos, sobretudo os franceses. E é aí que Natal entra nesse projeto.

Recebendo a medalha Alberto Maranhão, esta semana, aqui no Palácio do Governo, tive oportunidade de dizer que, se desta terra parti, há 40 anos, em busca de novos horizontes e aspirações, aqui em Natal e no Rio Grande do Norte, permaneceram comigo as minhas origens, as minhas raízes, o meu sangue, os meus pais, as minhas irmãs e cunhados, parentes e amigos, muitos, aos quais quero um bem enorme e dos quais sinto saudades imensas.

Repito agora: a tudo isto e a todos eles, pretendo e tenciono voltar um dia, para sempre.

Só espero que esse dia não esteja longe demais.

Composto e impresso em
Bloch Editores S.A.
Rua do Russell, 804 - Glória
Rio de Janeiro - RJ


F000238